This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

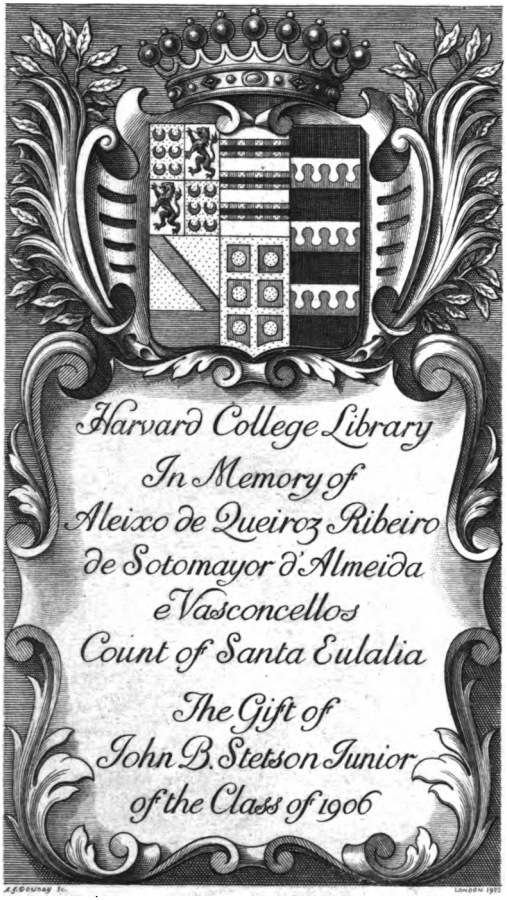
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HD WIDENER
HW JUHK 6

5710.6.9



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Ao Dr. Ferreira de Araujo

D. JOSE' ECHEGARAY

Os tradutores

O GRAN GALEOTO

DRAMA EM TREZ ACTOS

EM VERSO, PRECEDIDO DE UM DIALOGO EM PROSA

TRADUCÇÃO DE

VALENTIM MAGALHÃES e FILINTO D'ALMEIDA

RIO DE JANEIRO

Typ. de Elesbão & Figueiredo, Ruas d'Alfandega 71 e Ourives 94

1884

Digitized by Google

Sfran 5710.6.9

Digitized by Google

AO ACTOR

EUGENIO DE MAGALHÃES

OFFERECEM

como prova de reconhecimento e estima

V. MAGALHAES

F. D'ALMEIDA

Digitized by Google

PERSONAGENS

THEODORA, esposa de. . . .	D. H. CAVALLIER
D. JULIÃO	SR. DIAS BRAGA
DOLORES, esposa de.	D. LEOLINDA
D. SEVERO, paes de	SR. MAGGIOLI
PEPITO	SR. MESQUITA
ERNESTO.	SR. E. DE MAGALHÃES
RUEDA.	SR. BRAGANÇA

DOIS CREADOS

Epocha: ACTUALIDADE.

A scena passa-se em Madrid.

AVISO

Os traductores d'esta peça reservam-se todos os direitos de representação e de reimpressão. Nenhuma empreza poderá representar esta traducção sem satisfazer os direitos dos traductores.

Digitized by Google

O GRAN GALEOTO

DIALOGO

A scena representa um gabinete de estudo. A' E. uma janella ; á D. uma porta; quasi ao centro uma mesa com muitos papeis, livros, e um candieiro accesso. A' D. um sofá. E' noite.

SCENA I.

ERNESTO (Sentado á mesa, preparando-se para escrever.)

Nada! E' impossivel! Isto é luctar com o impossivel. A idea está aqui: agita-se na minha cabeça encandecida; sinto-a. A's vezes uma luz interna illumina-a e vejo-a... vejo-a com suas formas fugitivas, com seus contornos vagos, indecisos, e de repente ouço-lhe no seio intimas vozes que a animam, gritos de dôr, amorosos suspiros, gargalhadas ironicas!... todo um mundo de paixões a viver e a luctar. Saltam-me ás vezes do cerebro, rodeiam-me, enchem os ares! Então... então eu digo a mim mesmo: eis o momento! Tomo da penna, e, com o olhar fito no espaço, o ouvido attento, comprimindo o bater do coração debruço-me sobre o papel, mas... o' sarcasmo

Digitized by Google

da impotencia! Os contornos apagam-se, a visão desvanece-se, extinguem-se os gritos e os suspiros... e o nada, o nada me rodeia! A monotonia do vacuo, do pensamento inerte, do cansaço somnolento! Mais do que tudo isto: a monotonia de uma penna immovel e de um papel sem vida, sem a vida da idea! Ah! de quantas formas se reveste o nada, é como chasqueia de creadores da minha estofa! Muitas, muitissimas formas: telas sem tintas, blocos de marmore sem contornos, ruidos confusos de cahoticas vibrações, mas nenhuma mais irritante, mais insolente, mais pungitiva, do que esta penna miseravel (Arrojando a penna) e do que esta pagina em branco. Ah! eu não te posso encher, mas posso destruir-te, cumplice vil das minhas ambições e da minha eterna humilhação! Assim.... (Rasgando o papel) mais pequenos, ainda mais pequenos! (Pausa.) Ninguem me viu, felizmente; porque estes furores são por demais injustos e ridiculos. Não! Pois não cedo! Pensarei mais... mais, até vencer ou succumbir! Não! Jamais me darei por vencido. Vejamos, vejamos se deste modo...

SCENA II.

ERNESTO E D. JULIÃO

Este entra pela D. de casaca e sobretudo no braço.

D. JULIÃO (Assomando á porta, mas sem entrar.) Olá, Ernesto!

ERNESTO. D. Julião!

D. JULIÃO. Trabalhando ainda! Incommodo-te?

ERNESTO. (Erguendo-se.) Incommodar-me! Por Deus! D. Julião. Entre, entre. E Theodora? (D. Julião entra.)

D. JULIÃO. Voltamos do Theatro Real. Ella subiu com meus irmãos ao terceiro andar, para vêr não sei que compras da Dolores e eu encaminhava-me para o meu quarto quando vi luz no teu, e vim dár-te as bôas noites.

Digitized by Google

ERNESTO. Muita gente no theatro?

D. JULIÃO. Muita, como sempre; e todos os amigos me perguntaram por ti. Estranharam que não houvesses ido.

ERNESTO. Oh! que interesse!

D. JULIÃO. O que mereces e ainda é pouco. E tu, tens aproveitado estas trez horas de soledade e de inspiração?

ERNESTO. De soledade, sim; de inspiração, não. Ella não veio até mim, embora eu a chamasse enamorado e rendido.

D. JULIÃO. Faltou á invocação?

ERNESTO. E não foi esta a primeira vez. Mas se nada fiz de proveitoso, fiz em compensação uma descoberta importante.

D. JULIÃO. Qual?

ERNESTO. Esta: Que sou um pobre diabo!

D. JULIÃO. Diabo! Parece-me uma descoberta famosa.

ERNESTO. Nem mais nem menos.

D. JULIÃO. E por que tal desgosto de ti proprio? Não sae acaso o drama que me annunciaste outro dia?

ERNESTO. Ora, que ha de sair! Quem sae dos eixos sou eu.

D. JULIÃO. Em que consiste o logro que te pregaram a inspiração e o drama, meu bom Ernesto?

ERNESTO. Consiste em que, ao imaginal-o acreditei que a idéa do drama éra fecunda, mas ao dar-lhe a fórma, ao vestil-a com as roupagens da scena, resultou uma cousa estranha, difficil, antidramatica, impossivel!

D. JULIÃO. Mas em que está o impossivel? Explica-m'o, que já me vae mordendo a curiosidade. (Sentando-se no sofá.)

ERNESTO. Ora imagine que o principal personagem, aquelle que créa o drama, que o desenvolve, que o anima, que determina a catastrophe, aquelle que a aprecia e que a desfructa— não pode ser posto em scena.

Digitized by Google

D. JULIÃO. Tão feio é elle? tão repugnante ou tão mau?

ERNESTO. Não é isso. Feio como qualquer, como o senhor ou como eu. Mau tambem não: nem mau nem bom. Repugnante, verdadeiramente repugnante tambem não: Não sou tão sceptico, nem tão mysantropo, nem tão desilludido da vida estou, que tal cousa affirme ou que tamanha injustiça commetta.

D. JULIÃO. Então qual é a causa?

ERNESTO. E' que o personagem de que se trata não caberia materialmente no palco.

D. JULIÃO. Virgem Santissima! Que me dizes tu? E' porventura drama mythologico e entram nelle os titans?

ERNESTO. São titans... mas á moderna.

D. JULIÃO. Em summa?

ERNESTO. Em summa, esse personagem é TODO O MUNDO.

D. JULIÃO. Todo o mundo! Nesse caso tens razão; todo o mundo não cabe no theatro; eis ahi uma verdade indiscutivel e muitas vezes provada.

ERNESTO. Pois então já vê que eu tinha razão.

D. JULIÃO. Não completamente. *Todo o mundo* pode condensar-se em uns tantos typos ou caracteres. Eu não entendo destas materias, é certo; mas tenho ouvido dizer que os mestres têm feito isso mais de uma vez.

ERNESTO. Sim; mas no meu caso, isto é, no meu drama, não pode isso ter lugar.

D. JULIÃO. Porque?

ERNESTO. Por muitas razões que fôra longo explicar e mormente a estas horas.

D. JULIÃO. Não importa; venham algumas.

ERNESTO. Pois bem, veja: Cada individuo dessa massa total, cada cabeça desse monstro de cem mil cabeças, desse titan do seculo, a que eu chamo TODO O MUNDO, toma parte no meu drama um instante brevissimo, pronuncia uma palavra unica,

Digitized by Google

dirige um unico olhar, talvez a sua acção na fabula não passe de um sorriso: apparece um momento e logo desapparece: obra sem paixão, sem colera, sem maldade; indifferente e distrahido; por distracção muitas vezes.

D. JULIÃO. E d'ahi?

ERNESTO. Dessas palavras soltas, desses olhares fugitivos, desses sorrisos indifferentes e de todas essas pequenissimas maldades; de tudo isso que poderemos chamar insignificantes raios de luz dramatica, condensados n'um fóco e n'uma familia, resultam o incendio e a explosão, a lucta e as victimas. Se represento a totalidade das pessoas por um certo numero de typos ou personagens symbolicos, tenho que pôr em cada um destes o que realmente está disperso por muitos; o que falsearia o meu pensamento: pondo em scena uns tantos personagens, repulsivos por malvádos, e inverosimeis porque não não tem objecto a sua maldade. Resulta mais o perigo de que se julgue que eu trato de pintar uma sociedade corrompida, infame e cruel; quando apenas desejo demonstrar que nem mesmo as acções mais insignificantes são insignificantes ou nullas para o bem ou para o mal; pois que, sommadas por mysteriosas influencias da vida moderna, podem chegar a produzir immensos effeitos.

D. JULIÃO. Olha: não prosigas Tudo isso é muito metaphysico; vislumbro o quer que seja, é verdade, mas atravez de muitas nuvens. Emfim, tu entendes destas coisas melhor do que eu. Se se tratasse de notas, cambios, letras e descontos, era outro caso.

ERNESTO. Oh! não; o senhor tem bom senso e isso é o principal.

D. JULIÃO. Obrigado Ernesto, és muito amavel.

ERNESTO. Mas não está convencido?

D. JULIÃO. Não estou. Deve haver um meio de evitar esse inconveniente.

ERNESTO. Ah! se fosse só esse!

Digitized by Google

D. JULIÃO. Pois ainda ha mais?!

ERNESTO. Naturalmente. Ora diga-me: qual é a molla dramatica por excellencia?

D. JULIÃO. Homem, verdadeiramente não sei o que é isso a que chamas *molla dramatica*, porem o que eu te digo é que me não divirto nos dramas em que não ha amores, sobre tudo amores desgraçados; porque para amores felizes, bastam-me os de minha casa e o da minha Theodora.

ERNESTO. Bem; magnifico! Pois no meu drama quasi, quasi não pode haver amores.

D. JULIÃO. Mau, pessimo, digo eu. Olha, não sei o que é o teu drama, mas desconfio que não hade interessar a ninguem.

ERNESTO. Já eu lh'o disse; todavia posso-lhe amontoar amores até ás nuvens.

D. JULIÃO. Pois com isso, com uma intriga interessante e bem conduzida, com alguma situação de effeito...

ERNESTO. Não, senhor, isso é que não: tudo ha-de ser natural, fluente, quasi vulgar... Como que o drama não pode brotar ao exterior: caminha por entre os personagens, avança lentamente; hoje apodera-se de um pensamento, amanhã de um palpite de coração: mina a vontade pouco a pouco.

D. JULIÃO. Mas como se hade conhecer tudo isso? Que manifestação têm esses estragos interiores? quem os conta ao espectador? onde se vêm? Havemos de estar toda a noite á cata de um olhar, de um suspiro, de um gesto, de uma phrase solta? Mas, meu filho, isto não é divitir-se! Quando a gente se quer metter em taes funduras estuda philosophia.

ERNESTO. O senhor repete como um éco tudo o que eu estou pensando.

D. JULIÃO. Não; nem eu quero desanimar-te. Tu bem sabes o que fazes. Adiante pois! Ainda que o drama seja um pouco pallido, pareça pesado e não

Digitized by Google

interesse... comtanto que venha sem demora a catastrophe e com energia... e que a explosão...

ERNESTO. Cotastrophe!.. explosão!..sim, quasi ao cair do panno.

D. JULIÃO. Queres então dizer que o teu drama começa exactamente quando acaba?...

ERNESTO. Estou quasi a dizer que sim; entretanto procurarei communicar-lhe um pouco de calor.

D. JULIÃO. Olha, o que deves fazer é escrever esse *segundo drama*, esse que começa quando o outro acaba; porque o primeiro, segundo as tuas noticias, não vale a penna e hade dar-te muitas.

ERNESTO. Isso sabia eu.

D. JULIÃO. E agora o sabemos ambos, a taes subtilesas te deste e tal é a força da tua logica. E que titulo tem?

ERNESTO. Titulo! Essa agora é outra... Tambem não tem titulo.

D. JULIÃO. Que?! Que estás dizendo? Tambem não tem titulo?

ERNESTO. Não, senhor; a não ser que lh'o posessemos em grego para maior clareza, como diz D. Hermogenes.

D. JULIÃO. Vamos, Ernesto! tu estavas dormindo quando eu cheguei, sonhavas desatinos e agora contas-me os teus sonhos.

ERNESTO. Sonhando?... Sim. Desatinos? Talvez. E conto-lhe sonhos e desatinos. O senhor tem bom senso e nunca se engana.

D. JULIÃO E' que para acertar neste caso não é preciso grande penetração. Um drama cujo principal personagem não vem á scena; em que quasi não ha amores; em que nada acontece, que não aconteça todos os dias; que começa ao cair do panno, no ultimo acto, e que não tem titulo,— eu não sei como possa escrever-se, como possa representar-se, como haja quem o ouça, nem como seja drama.

ERNESTO. Ah! Mas comtudo é drama. Toda a diffi-

Digitized by Google

culdade consiste em dar-lhe fórma e em que eu não lh'a sei dar.

D. JULIÃO. Queres seguir o meu conselho?

ERNESTO. Um conselho seu? Do senhor? Do senhor, meu amigo, meu protector, meu segundo pae...? Ah!... D. Julião!...

D. JULIÃO. Vamos, vamos, Ernesto. Não façamos aqui um drama sentimental, á falta do teu, que já foi declarado impossivel. Perguntava-te eu se querias seguir o meu conselho.

ERNESTO. E eu dizia-lhe que sim.

D. JULIÃO. Pois deixa-te de dramas; deita-te, descansa, vem amanhã caçar comigo; mata umas tantas perdizes, em lugar de matar uns tantos personagens da tua obra... mesmo porque o publico póde fazer outro tanto comtigo. E afinal has de agradecer-me.

ERNESTO. Isso é que não. Hei de escrever o drama.

D. JULIÃO. Mas, desgraçado! tu o concebeste em peccado mortal!

ERNESTO. Como o concebi não sei. Mas concebi-o. Sinto-o no cerebro, nelle se agita; pede vida exterior e hei-de dar-lh'a!

D. JULIÃO. Mas não podes arranjar outro argumento?

ERNESTO. E a minha idéa, então?

D. JULIÃO. Manda-a para o diabo!

ERNESTO. Ah! D. Julião! Pois o senhor acredita que uma idéa que se nos agarra aqui dentro, se deixe anullar e destruir, porque assim nos apraza? Ah! eu bem quizera pensar em outro drama, porém este maldicto não deixará logar para mais nenhum em quanto não vier ao mundo.

D. JULIÃO. Pois nada temos feito. Que Deus te dê uma feliz saida.

ERNESTO. Eis o problema, como diz o Hamleto.

D. JULIÃO. (Em voz baixa e com mysterio comico). E não poderias achal-a na multidão litteraria das obras anonymas?

Digitized by Google

ERNESTO. Ah! D. Julião! Eu sou homem de consciencia. Meus filhos, bons ou maus, são meus filhos: terão o meu nome.

D. JULIAO. (Preparando-se para sair). Nada mais digo: o que tiver de ser está escripto.

ERNESTO. Isso quizera eu! Não está escripto, infelizmente; mas não importa: se eu o não escrever outro o escreverá.

D. JULIÃO. Pois mãos á obra! Bôa sorte e que ninguem te tome a dianteira.

SCENA III.

ERNESTO, D. JULIÃO e THEODORA

THEODORA. (De dentro) Julião! Julião...

JULIÃO. E' Theodora.

THEODORA. Estás ahi, Julião?

D. JULIÃO. Sim, aqui estou, entra. (Indo á porta).

THEODORA. (Entrando) Boas noites, Ernesto.

ERNESTO. Boas noites, Theodora. Cantaram bem?

THEODORA. Como sempre. E o senhor tem trabalhado muito?

ERNESTO. Como sempre: coisa nenhuma

THEODORA. Pois se foi para isso que ficou, mais valera ter-nos acompanhado. Todas as minhas amigas me perguntaram pelo senhor.

ERNESTO. Está visto que *todo o mundo* se interessa por mim.

D. JULIÃO. Mas certamente! Pois que de *todo o mundo* vais fazer o protogonista do teu drama. Ora imagina se elle não quererá fazer-te seu amigo!

THEODORA. (Com curiosidade) Um drama?

D. JULIÃO. Silencio! E' um mysterio. Não perguntes nada. Nem titulo, nem personagens, nem acção, nem catastrophe... O sublime! Boas noites, Ernesto; vamos, Theodora.

Digitized by Google

ERNESTO. Adeus, D. Julião.

THEODORA. Até amanhã.

ERNESTO. Boas noites.

THEODORA. (A D. Julião) Notaste como Dolores estava preoccupada?

D. JULIÃO. E Severo furioso!

THEODORA. Porque seria?

D. JULIÃO. Que sei eu? Mas em compensação Pepito estava alegre por ambos.

THEODORA. Como sempre, e fallando mal de todos.

D. JULIÃO. Personagem para o drama de Ernesto. (Theodora e D. Julião saem pela D.)

SCENA IV.

ERNESTO só.

Diga embora D. Julião o que quizer, não abandonarei a minha empreza. Fôra cobardia. Não, não voltarei atraz... Avante! (Ergue-se e passeia agitadamente, depois aproxima-se da janella.) Protege-me, oh! noite! que na tua escuridão, melhor que no manto azul do dia, se desenham os luminosos contornos da inspiração! Erguei os vossos tectos, casas da cidade heroica, que, por um poeta em apertos, não fareis menos por certo do que fizestes por aquelle diabinho côxo que travessamente vos desencapellou. Que eu veja entrar em vossas salas damas e cavalheiros, buscando depois das horas dos prazeres mundanos, o nocturno descanço. Cheguem aos meus attentos ouvidos as mil palavras soltas de todos esses que a D. Julião e a Theodora perguntaram por mim. E como de raios de luz dispersos, recolhidos em diaphano cristal, se formam grandes focos; e como de linhas de sombra que se entrecruzam se fazem as trevas, e de grãos de terra as montanhas e os mares de gotas d'agua; assim eu, de vossas phrases perdidas, de vossos vagos sorrisos, de vossos olhares curiosos, dessas mil trivialidades,

Digitized by Google

que em cafés, theatros, reuniões e espectaculos deixaes dispersos, e que neste momento fluctuam no ar, faça eu tambem o meu drama. E seja o modesto cristal da minha intelligencia poderosa lente que traga ao fóco luzes e sombras, para que delle brote o incendio dramatico e atragica explosão da catastrophe! Brote o meu drama, que até titulo já tem... porque alli, debaixo da luz do lampeão, descubro a obra immortal do immortal poeta florentino, e ella me dá em italiano o que em bom hespanhol fôra grande imprudencia e maior ousadia escrever em um livro ou pronunciar sobre um palco. Francesca e Paolo! valham-me os vossos amores! (Sentando-se á mesa e preparando-se para escrever.) Ao drama! Começa o drama! Primeira pagina... já não está em branco... já tem titulo: (Escrevendo.) O GRAN GALEOTO. (Escreve febrilmente.)

CAE O PANNO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO PRIMEIRO

A scena representa um salão em casa de D. Julião. Ao fundo uma grande porta que dá para um corredor transversal, onde se vê a porta da casa de jantar, que permanece fechada até ao fim do acto. — A' E. do espectador, no primeiro plano, uma janella de balcão. No segundo plano uma porta. A' D. uma porta no primeiro e outra no segundo plano. Um sofá no primeiro plano da D. e uma meza e poltrona á E. Tudo luxuoso e esplendido.

E' ao cair da tarde.

SCENA I.

THEODORA E D. JULIÃO.

THEOD. Olha que occaso brilhante!
quanta luz pelo infinito!
Se lá no espaço distante
o Futuro está escripto,
como era crença de outr'ora,
e dizem os trovadores;
se por esse azul afóra
os astros, com seus fulgores,
traçam do humano destino
o segredo mysterioso;
se no azul esplendoroso,

Digitized by Google

tão limpo, tão cristallino
d'esta tarde, se resume
o nosso, então, que sei eu?
em nosso lar quanto lume!
quanta luz em nosso céo!
quanta vida em nossa vida!
e que alegrias immensas!
não é verdade? (A Julião.)
Em que pensas?
Vem vêr a tarde incendida,
vem, Julião, olha...

JUL. (Distrahido.) Que queres?

THEOD. (Chegando-se a elle)
Não me ouviste?

JUL. O meu desejo
sempre está onde te vejo,
porque és a flor das mulheres;
porém ás vezes, cuidados,
affazeres de momento
acodem ao pensamento,
teimósos... inesperados...

THEOD. Que eu detesto, e com rasão:
pois vejo com dissabor
que me roubam teu amor.
Mas, mas que tens tu, Julião?
Alguma cousa importante (Com muito carinho)
te constrange, meu esposo,
pois que te vejo, ha um instante,
distrahido e silencioso.
Se qualquer magoa te afflige,
p'ra mim a quero, Julião;
exige-a o meu coração,
a minha amisade a exige.
A verdade nua e crúa,
eu quero-a já, com franquesa:
se a minha alegria é tua,
é minha a tua tristeza.

JUL. Magoas? — sendo tu ditosa?
Tristezas? — se tu resumes

Digitized by Google

do amor todos os perfumes,
toda a luz maravilhosa!
se vejo no teu semblante,
em tuas faces mimosas,
como fructo florejante
da saude, essas duas rosas;
e se em teus olhos resplende
esse fogo, que é o explendor
da alma, que vôa e se estende
pelos céos, meu doce amor...
em sabendo, como sei,
que és minha, minha somente,
que dôr, que magoa terei
que me torne descontente?
Nenhum pezar, por mais fundo,
tem-me até hoje impedido
de me julgar o marido
mais venturoso do mundo.

THEOD. Serão desgostos, acaso,
commerciaes?

JUL. Não, Theodora.
O dinheiro nem um'hora
me tem causado de atraso
no meu somno ou no appetite.
Como sempre o despresei,
talvez ninguem o acredite,
como tem sido não sei,
mas o caso é que o dinheiro,—
isto duvida não soffre—
tem vindo até ao meu cofre
submisso como um cordeiro.
Sempre fui rico e inda o sou;
nunca me faltou o conforto
da confiança, e nas praças
de Madrid, Cadix e Porto
jamais banqueiro gozou
como eu da fortuna as graças,
nem mais credito que o meu.

THEOD. Pois bem, mas que te occupava,

Digitized by Google

que estavas scismando á tôa,
tão concentrado?

JUL. Pensava!
E pensava em coisa bôa.

THEOD. Não me admira, Julião: (Com mimo.)
se o pensamento era teu...

JUL. Isso agora é adulação.

THEOD. Mas quero sabel-o eu.

JUL. Eu pensava n'este instante
em um remate encontrar,
e heide encontral-o por fim,
para certa obra importante
em que ando a parafuzar.

THEOD. E não m'o dizes a mim?
E' para a fabrica nova?

JUL. Não; não é nisso que eu penso,
e já te vou dar a prova.
—Eu tenho um desejo immenso,
que nunca te revelei
até hoje, minha amiga:
E' pagar divida antiga
e sagrada...

THEOD. (Com alegria natural e expontanea.) Então já sei...

JUL. Já sabes?

THEOD. Já sei. Estavas
pensando no nosso Ernesto...

JUL. Acertaste.

THEOD. E bem pensavas.
Pobre rapaz! tão modesto,
tão cavalheiro e tão nobre,
tão altivo e tão leal,
tão generoso e tão pobre!

JUL. Sahio todo ao pae, tal qual;
modelo de gentilesa,
exemplo de fidalguia...
outro achar de egual valia
é impossivel com certeza!

THEOD. E tem um grande talento,
muito estudo e largos planos...

Digitized by Google

e apenas vinte e seis annos!
E' na verdade um portento!

JUL. Perfeitamente. E esse é o mal:
Seu pensamento em chymeras
perdido, pelas espheras
sublimes do ideal,
temo não ache maneira
de ver o mal que se encerra
cá por baixo pela terra,
que é prosaica e traiçoeira. (Pausa.)
E' que este mundo ferrenho
é ingrato e mesquinho—pois
só paga as obras do engenho
alguns seculos depois
de morto e esquecido o auctor!

THEOD. Desde que queiras guial-o...
pois, como lhe tens amor,
não pensas abandonal-o?..

JUL. Abandonal-o! Isso não!
Nem faças esse conceito!
Fôra mister que em meu peito
não pulsasse um coração
como este, para que eu—
ah! nem pensal-o me atrevo—
me esquecesse do que devo
a seu pae, que pelo meu,
nome e fortuna arriscou,
para da ruina o salvar,
como de facto o salvou.
Se esse rapaz precisar
do meu sangue, faço empenho
que o diga, e dou-lh'o com gosto,
porque estou sempre disposto
a honrar o nome que tenho!

THEOD. Sempre és o mesmo, Julião!

JUL. Sempre!—Disseram-me ha um anno
ou mais, se me não engano,
que fallecêra D. João,
e que seu filho ficáva

Digitized by Google

na miseria e sem ninguem.
Metti-me logo no trem
de Gerona, onde morava;
quasi á força o trouxe aqui,
e assim lhe fallei: E' teu
tudo, tudo quanto é meu,
porque a teu pae o devi.
Da minha casa és senhor,
dou-te aqui plenos poderes...
Somente, se tu quizeres,
peço-te o grande favor
de ser teu segundo pae;
não serei como o outro era,
mas a minh'alma lhe vae
seguindo os passos, sincera.

THEOD. E' verdade. E que alvoroço,
que pranto e que desatino,
quando elle, como um menino
suspendeu-se-te ao pescoço!

JUL. E' um menino, dizes bem.
E ora eis ahi o motivo
de eu ter andado apprehensivo,
buscando o que lhe convem.
Precisamos pensar muito
no seu futuro, Theodora.
Era este o unico intuito
que me levava ainda agora
a meditar seriamente,
emquanto tu me fallavas
do horisonte, que apontavas,
do céo, da luz, do occidente,
do sol que ha pouco morreu,
e que eu devéras desdenho,
desde que outros dois sóes tenho
mais puros em nosso céo...

THEOD. Não te adivinho a intenção!
que mais pretendes fazer
por Ernesto?

JUL. Eis a questão!

Digitized by Google

THEOD. Que póde elle pretender
mais do que tu lhe tens feito?
Ha um anno que vive aqui,
e deve estar satisfeito
com a amisade que em ti
e em mim encontrou. Perfilho
esta idéa, meu Julião:
Nem que elle fosse teu filho,
nem que fosse meu irmão,
uma amisade mais vasta,
um carinho mais completo
acharia, ou mais affecto.

JUL. Pois bem. Mas isso não basta.

THEOD. Como não basta? E's obscuro,
não te entendo, francamente.

JUL. E' que pensas no presente,
e eu só penso no futuro.

THEOD. O futuro? Eu o imagino
facilmente. Ora aqui está:
Unido ao nosso destino,
nesta casa viverá,
para que só se desuna
quando, emfim, venha a encontrar
noiva e se queira casar;
então — da tua fortuna
lhe darás com vivo empenho
um largo quinhão; depois,
desde a igreja irão os dois
p'ra sua casa; pois me attenho
áquelle velho ditado,
que diz: *Quem casa quer casa.*
E ainda que viva afastado
onde muito bem lhe apraza,
nem por isso o esqueceremos;
e se forem venturosos,
mais venturosos seremos.
Elles têm filhos? — Ditosos
serão com isso? Imagina (Com muito mimo)
que temos filhos tambem...

Digitized by Google

Quem nos diz que nos não vem
ao menos.. uma menina?...
Cresce, educa-se... depois,
ella e o filho de Ernesto
namoram-se... é manifesto!
amam-se e casam-se os dois.

(A volubilidade, a graça, o colorido desta falla, ficam recommendados ao talento da actriz.)

JUL. (Rindo). Mas onde vaes tu parar
com tudo isso, Virgem Santa!

THEOD. Pois não 'stavas a fallar
em porvir? que é que te espanta?
a mim digo-te que nada.
E podes tu reflectir
quanto quizeres—Porvir,
outro porvir não me agrada.

JUL. E' como tu dizes... Mas...

THEOD. Já temos um *mas?*

JUL. Pois temos!
Olha, Theodora, fazemos,
amparando esse rapaz,
o nosso dever sómente;
mas nenhuma acção humana
é de todo lisa e plana
ou simples inteiramente:
sempre ha dois pontos de vista,
e sempre a medalha tem
verso e reverso. Ninguem
talvez saiba em que consista
a differença entre o dar
e o receber protecção;
no emtanto dois casos são
bem diversos de estudar.
As minhas dadivas temo
que as julgue uma humilhação,
pelo menos. E' em extremo
nobre, cheio de isenção,
altivo... e quasi orgulhoso.
E ao seu estado presente,

Digitized by Google

minha Theodora, é forçoso
achar um fim promptamente.
Façamos por elle o *mais*
fingindo o *menos* fazer.

THEOD. Mas de que modo?

JUL. Tu vaes
n'este momento saber... (Olhando ao fundo.)
Mas eil-o que chega... Muda
de conversação.

THEOD. Caluda!

SCENA II.

THEODORA, D. JULIÃO, ERNESTO (Entra pelo fundo)

JUL. Sê bem vindo.

ERN. D. Julião.
Theodora. (Comprimenta-os distrahido e senta-se junto á meza, pensativo.)

JUL. (Acercando-se d'elle) Que tens tu?

ERN. Nada.

JUL. Acho-te um pouco turbada
a vista. Alguma afflicção?
Pezares? Alguma dôr?
Algum desgosto..?

ERN. Dos meus...

JUL. Incommodo-te?

ERN. Meu Deus!
Incommodar-me, o senhor! (Levantando-se e acercando-se d'elle com effusão.)
Não! que o seu carinho é certo,
sua amizade é seu direito:
e lê dentro do meu peito,
como lê n'um livro aberto.
Tenho, é verdade, uma dôr;
mas tudo direi agora;
olhe, desculpe o senhor,
e perdôe-me, Theodora.
Eu sou um doido completo

Digitized by Google

e um ingrato. A' puridade:
Não valho a sua bondade,
nem mereço o seu affecto.
Eu devêra ser ditoso
com tal pae, com tal irman,
e não pensar no amanhan;
mas, entretanto, é forçoso
pensar nisso. A explicação
faz-me córar... Não me entendem?
Sim—que os senhores comprehendem
que é falsa esta situação.— (Com energia)
Vivo aqui de caridade!

THEOD. Essa palavra...

ERN. Theodora...

THEOD. Nos offende.

ERN. Sim, senhora,
disse mal; mas é a verdade.

JUL. Não é tal, amigo meu,
porque se ha alguem que aqui viva
de caridade, e excessiva,
esse não és tu: sou eu!

ERN. Conheço, senhor, a historia
de dois amigos leaes,
de uns bens e não sei que mais
que já não tenho em memoria.
Faz honra a meu pae, senhor,
rasgo de tal fidalguia,
eu porem manchal-o-hia
se lhe cobrasse o valor.
Eu sou moço, D. Julião,
e ainda que pouco valho,
bem posso encontrar trabalho
para ganhar o meu pão.
Será orgulho ou mania?
Perco o tino e nada sei;
mas sempre me lembrarei
do que meu pae me dizia:
« Do que tu possas fazer
ninguem vás encarregar;

Digitized by Google

o que poderes ganhar
a ninguem o has de dever.»

JUL. De modo que os meus favores
te humilham e te envillecem;
teus amigos te parecem
uns importunos credores.

THEOD. (A Ernesto)
Tem quasi sempre razão,
porque sabe muito, Ernesto;
mas nestas cousas, de resto,
sabe mais o coração.

JUL. Esse orgulho impertinente
não mostrou meu pae ao teu.

THEOD. A amizade antigamente
era outra cousa, creio eu.

ERN. Theodora!

THEOD. Não tem razão.

ERN. (Profundamente commovido)
E' certo: sou um ingrato,
bem o sei, e um insensato...
Perdôe-me D. Julião.

JUL. (A Theodora, referindo-se a Ernesto)
Sua cabeça é uma fragua!

THEOD. (A Julião, o mesmo.)
Se não vive n'este mundo...!

JUL. Isso sim, sabio e profundo
que se affoga em charcos d'agua!

ERN. (Tristemente)
Que eu na vida não achei
até hoje o meu caminho?
E' certo;—mas o adivinho
e tremo; porque, não sei.
Que nos charcos deste mundo
me affogo, turbado e cégo?
Mais me espantam, não o nego,
muito mais que o mar profundo.
O mar, que ferve em cachões,
tem o limite da praia;
mas por todo o ambiente espraia

Digitized by Google

o charco as emanações.
Contra os vagalhões do mar
luctam braços varonis:
contra os miasmas subtis,
não ha meio de luctar.
Se for vencido, confésso—
não é a victoria ultrajante—
no meu derradeiro instante
sómente desejo e peço
vêr ante mim, cheio d'ira,
o fundo mar que me trague,
ou a espada que me fira,
ou a rocha que me esmague.
Ao inimigo sentir
o corpo, a furia lhe vêr,
e desprezal-o ao cahir,
e desprezal-o ao morrer!
Mas não:— sorver mansamente
meu peito que se dilata,
o veneno que me mata
occulto, esparso no ambiente.

JUL. (A Theod.)
Não te disse? eil-o a sonhar!

THEOD. Mas, Ernesto, aonde é que vamos!

JUL. A que vem com o que tratamos,
isso que estás a clamar?

ERN. Que ao ver-me, senhor, assim
amparado e recolhido,
o que eu hei pensado hei crido
que pensam todos de mim;
pois tudo serve ao dichote.
Ao sahir pela manhan
com Theodora, ou sua irman;
ao ir ao seu camarote
no theatro e lá ficar;
ao caçar em sua deveza,
ao occupar em sua meza
diariamente um logar,
em meio á sua abastança;

Digitized by Google

todos interrogam, todos:
— Este quem é? pelos modos
gosa de muita confiança...
Será seu parente? — Qual!
Seu secretario? — Tampouco...
Seu socio? — Se o é, bem pouco
trouxe á firma social!...
Isto murmuram.

JUL. Ninguem!
Isso sonhas.

ERN. Por favor...

JUL. Pois venha um nome.

ERN. Senhor...

JUL. Mas um me basta.

ERN. Pois bem,
tem-no aqui bem perto e á mão:
No terceiro andar. Espero...

JUL. E chama-se?

ERN. D. Severo.

JUL. Meu irmão?!

ERN. Sim; seu irmão.
Não basta? — Dona Dolores,
sua nobre esposa e senhora.
Querem mais? — Pepito. E agora
que me dizem os senhores?

JUL. (Com nojo)
Pois digo e juro, e não pecco:
Que o Severo não tem sizo,
que ella palra sem juizo,
e que o pequeno é um boneco!

ERN. Repetem o que ouvem

JUL. Nada:
Isso são cavillações.
Quando ha nobres intenções,
e a gente que é boa e honrada
pouco se importa com o mundo;
quanto maior, mais acceso
o murmurar, mais profundo,
mais soberano é o desprezo.

Digitized by Google

ERN. Isso é nobre, isso é o que sente
todo o peito bem nascido;
porém eu tenho aprendido
que aquillo que diz a gente,
com maldade ou sem maldade,
conforme a causa que a inspira,
começa por ser mentira
e acaba sendo verdade.
A murmuração fatal,
nos mostra occulto peccado
e é reflexo do passado,
ou inventa e infunde o mal?
Marca com sello maldicto
a culpa que já existia,
ou gera a que não havia
e dá logar ao delicto?
O labio murmurador
é severo, ou traiçoeiro?
é cumplice ou pregoeiro?
é verdugo ou tentador?
absolve ou quer nos perder?
fere por gosto ou por pena?
e se condemna, condemna
por justiça ou por prazer?
Não sei, nem quero pensal-o...
talvez os dois casos são;
mas o tempo, a occasião
e os factos hão de mostral-o.

JUL. Olha, eu cá não metto o dente
nas tuas philosophias;
creio bem que são manias
com que se amofina a gente.
Mas, emfim, tambem não quero
affligir-te, nem massar-te.
Queres, Ernesto, crear-te,
independente e severo,
uma posição honrada
por ti mesmo, não é assim?

ERN. D. Julião...

Digitized by Google

JUL. Responde.

ERN. (Com alegria)
Sim.

JUL. Pois eil-a aqui arranjada:
Acho-me sem secretario;
de Londres propoem-me um,
mas não quero mais nenhum
(Em tom de carinhosa reconvenção)
que não seja o extraordinario
rapaz que a pobresa almeja,
prefere ordenado e o brilho
do seu trabalho a ser filho
de quem por filho o deseja.

ERN. D. Julião ..

JUL. (Com comica severidade)
Mas exigente
e homem de negocios sou.
O meu dinheiro não dou,
sendo immerecido, á gente.
E hei-de te dar massada
e fazer-te trabalhar;
nesta casa has de ganhar
o que fôr justo e mais nada.
Dez horas aqui te quero;
desperto ao amanhecer...
Ah! eu comtigo vou ser
mais severo que o Severo!
Isto em frente á sociedade:
Obediencia e respeito...

(Sem poder conter-se, mudando de tom e abrindo-lhe os braços)

Mas, Ernesto... no meu peito
sempre esta mesma amisade!

ERN. (Abraçando-o)
D. Julião!...

JUL. Aceitas?

ERN. Sim.
Nem outra cousa eu quisera...

Digitized by Google

THEOD. (A Julião)
Afinal domaste a fera!

ERN. (A Julião)
Tudo por si!

JUL. Bem. Assim.
Agora vou escrever
ao meu bom correspondente,
e muito lhe agradecer
o secretario excellente,
o merito extraordinario
do inglez de que faz alarde,
mas que afinal chegou tarde,
pois já tenho secretario.

(Dirigindo-se para a primeira porta da D., voltando-se e fingindo que falla com mysterio)

Isto agora. Vamos dar
tempo ao tempo...e socio logo!

THEOD. (A Julião)
Calla-te, filho, eu t'o rogo;
não vês que o vaes espantar?!

(Sae Julião pela D. 1º plano, rindo bondosamente e olhando para Ernesto)

SCENA III.

THEODORA E ERNESTO

(No fim da scena anterior começa a anoitecer. Neste momento está completamente escura).

ERN. (Deixa-se cahir no sofá, profundamente commovido. Theodora acerca-se delle e fica a seu lado, de pé)
Sua bondade me vence!
Não sei como lhe pagar!

THEOD. Deste modo: abandonar
desconfianças. E pense
com juizo; seja brando.
Creia que muito o queremos
e que o que fomos seremos,
e que, emfim, Ernesto, quando

Digitized by Google

Julião promette, van
não é a promessa e a mantem;
de fórma que o senhor tem
n'elle pae, em mim irman.

SCENA IV.

Os mesmos, DOLORES E D. SEVERO

(Os dois ultimos assomam ao fundo e param. O salão está ás escuras; apenas uma pequena claridade na janella, para onde se dirigem Theodora e Ernesto)

ERN. Que bons que são os senhores!
THEOD. E que creança! Não mais
tristeza agora.
ERN. Jamais!
DOL. (Desde fora, em voz baixa)
Que escuro!
SEV. (O mesmo)
Vamos, Dolores.
DOL. (Transpondo a porta)
Ninguem.
SEV. (Detendo-a)
Não. Ha gente aqui.
(Os dois ficam ao fundo observando)
ERN. Theodora, esta vida eu déra,
e mil vidas, se as tivera,
pelo bem que recebi!
Oh! não me deve julgar
por meu caracter sombrio;
das expansões me desvio
de amor, porem sei amar
e tambem aborrecer;
pois sempre com eguaes modos
no meu peito encontram todos
o que n'elle querem vêr.
DOL. (A Severo) Que dizem?
SEV. Cousas estranhas,
que não ouço bem.

Digitized by Google

DOL. E' Ernesto.

(Theodora e Ernesto continuam fallando baixo, á janella)

SEV. E ella. E' ella, é manifesto!
DOL. Sim, Theodora.
SEV. As mesmas manhas!
Sempre juntos. Que insolencia!
E taes palavras! Que espero?...
DOL. De certo. Vamos, Severo;
já é caso de consciencia!
Todos dizem...
SEV. (Adiantando-se) A Julião
heide hoje fallar e claro.
DOL. Mas tambem já é descaro
o deste homem!
SEV. Eguaes são
o d'elle e o d'ella.
DOL. Infeliz!
Tão creança! D'ella eu
me incumbo.
THEOD. (A Ernesto)
Que animo o seu!
Deixar-nos! Muito feliz
a idéa!. . Não lh'o consente
Julião.
SEV. (A Dol.) Nem eu, por Christo!
(Alto a Theod.) Então! não me tinhas visto?
Assim se recebe a gente?
THEOD. (Affastando-se da janella)
D. Severo! Que prazer!
DOL. Não se janta? Não é hora?
THEOD. Ah! Dolores!
DOL. Sim, Theodora.
SEV. (Aparte) Como finge! Que mulher!
THEOD. Vou pedir luzes. (Toca o tympano)
SEV. Bem feito:
a gente deve vêr claro.
UM CRIADO (Apresentando-se ao fundo)
Senhora?

Digitized by Google

THEOD. Luzes, Genaro.
(Sae o creado)
SEV. Quem segue o caminho estreito
do dever e da lealdade,
e sempre é o que parece,
não se afflige ou enrubece
pela muita claridade.
(Entram criados com luzes; o salão fica explendidamente illuminado.)
THEOD. (Depois de uma pequena pausa, com naturalidade, sorrindo)
O contrario nunca ouvi
a ninguem.
DOL. Certo que não.
SEV. Oh! Ernesto! Com que então,
quando entrei quem estava aqui
com Theodora, era você?
ERN. (Friamente)
Era eu; está bem visto.
SEV. Bem visto, isso não, por Christo!
que nas trevas não se vê!
(Approxima-se-lhe, estende-lhe a mão e fita-o fixamente. Theodora e Dolores conversam á parte.)
SEV. (Aparte) Sua face está incendida,
e parece haver chorado...
Sómente choram na vida
a creança e o namorado.
(Alto) E Julião?
THEOD. Ao escriptorio
foi escrever uma carta.
ERN. (Aparte) De ouvir tanto fallatorio
já tenho a paciencia farta.
SEV. Vou ter com elle. O jantar
dá tempo?
THEOD. Tempo de sobra.
SEV. (Aparte, esfregando as mãos e mirando Theodora e Ernesto)
Bem; agora mãos á obra.
(Alto) Adeus!
THEOD. Adeus.
SEV. (Aparte, olhando-os rancorosamente ao sahir)
E' esperar! (Sae)

Digitized by Google

SCENA V.

THEODORA, DOLORES e ERNESTO.

As duas mulheres sentam-se no sofá; Ernesto fica de pé.

DOL. (A Ernesto)
Já não ha mais quem o veja!
Hoje não nos visitou.
Viu Pepito?
ERN. Não, senhora.
DOL. Pois sozinho elle ficou;
'stá lá em cima.
ERN. (Aparte) Pois que esteja!
DOL. (A Theodora, com seriedade e mysterio)
Vê se o fazes ir embora.
Quero fallar-te...
THEOD. Tu?
DOL. Sim.
De assumptos graves.
THEOD. A mim?
DOL. (Apontando Ernesto)
Mas não pode ser agora...
THEOD. Não te comprehendo!
DOL. (Em voz baixa) Valor!
(Pega-lhe na mão e estreita-lh'a affectuosamente. Theodora encara-a com assombro, sem comprehender nada.)
Faz' com que nos deixe presto.
THEOD. Se tu o exiges... (Alto) Ernesto,
se me fizesse um favor...
ERN. Com mil amores....
DOL. (Aparte) Que modo!
Um é de sobra!
THEOD. Pois vá
dizer ao Pepito já...
Mas acaso o incommodo
com isto?
ERN. (Gentilmente)
Se eu idolatro
as suas ordens!...

Digitized by Google

DOL. (Aparte) Que doçura!
THEOD. Que... Se a nossa assignatura
foi renovar ao theatro,
como eu disse. Não se aggrave
com isto...
ERN. Não custa nada.
THEOD. Veja, Ernesto, que massada!
ERN. (Dirigindo-se ao F.)
Por Deus!
THEOD. Adeus! (Sae Ernesto)

SCENA VI

THEODORA e DOLORES

THEOD. Cousa grave!
Estou inquieta, Dolores!
esse modo, esse mysterio...
trata-se? ..
DOL. De assumpto serio.
THEOD. De quem?
DOL. De quem? dos senhores.
THEOD. De nós?
DOL. Por certo. De ti,
de Ernesto e Julião. Já vês...
THEOD. De nós trez?
DOL. Sim; de vós trez.
(Theodora contempla com assombro a Dolores. Pequena pausa.)
THEOD. Pois depressa!...
DOL. (Aparte) Nunca vi!...
Mas tenhamos precaução,
porque o assumpto é escraboso.
(Alto) Vê, Theodora, meu esposo
afinal do teu é irmão,
e de uma familia todos
nós vimos a ser; de sorte
que, quer na vida ou na morte,
por estes ou outros modos,

Digitized by Google

nos devemos protecção,
auxilio e conselho... E' claro.
Hoje eu dou-te o meu amparo,
quando fôr occasião
dar-me-has o teu, não é assim?
tu sabes que ninguem foge
ao velho proverbio: « Hoje
por ti, amanhan por mim ».

THEOD. Ah! certamente, Dolores,
contem comnosco vocês;
favores pagam favores...
Mas acaba de uma vez!

DOL. Olha; eu não tenho querido
té hoje este passo dar;
mas « d'aqui, diz meu marido,
isto não pode passar;
a honra de meu irmão
como a minha propria estimo;
e vêr taes coisas lastimo,
choro de dôr e paixão!
Sempre indirectas ouvindo,
perfidos risos notando;
sempre os olhos abaixando,
de toda a gente fugindo...
com esta affrontosa lide
é necessario acabar:
não posso mais tolerar
o que se diz em Madrid. »

THEOD. Acaba!...

DOL. Escuta-me, louca.

THEOD. Mas que dizem? Desvario!

DOL. Olha: quando sôa o rio,
agua leva, muita ou pouca.

THEOD. Não sei se sôa ou não sôa,
se agua leva ou se não leva;
sei que estou louca!...

DOL. (Aparte)
Tão bôa!

Digitized by Google

É pena que a tal se atreva!
(Alto) Emfim. não tens entendido?

THEOD. Eu? não!

DOL (Aparte)
É demais tambem!
[Alto e com energia]
Já é ridiculo!

THEOD. Quem?

DOL. Quem ha de ser? Teu marido.

THEOD. (Levantando-se com impeto)
Julião? Mentira! Villão
quem tal infamia disser;
pobre d'elle, se estiver
ao alcance de sua mão!

DOL. (Acalmando-a e fazendo-a sentar-se outra vez junto d'ella)
Necessitaria ter
mãos p'ra muitissima gente;
porque, se a fama não mente,
todos são de um parecer.

THEOD. Mas que infamia é essa. emfim?
Qual o mysterio profundo?
Que é que repete o mundo?

DOL. Então já te pesa?

THEOD. A mim!
Que me hade pesar?

DOL. Theodora;
és creança: nessa edade
se commettem, sem maldade,
graves erros....e se chora
mais tarde tanto, louquinha!
Não me entendes?

THEOD. Não, Deus meu!
Como te hei de entender eu,
se essa historia não é a minha?

DOL. É a historia de um infame
e é a historia de uma dama...

THEOD. (Com anciedade)
E ella se chama?...

DOL. Se chama...

Digitized by Google

THEOD. (Contendo-a)
Que importa como se chame?...

(Teodora affasta-se de Dolores sem levantar-se do sofá. Dolores acerca-se d'ella á medida que falla. Este duplo movimento de repugnancia e affastamento em Theodora, de protecção e insistencia em Dolores, deve ser muito estudado.)

DOL. O homem é mau, traidor;
elle exige da mulher,
por um'hora de prazer,
a vida inteira de dor.
A deshonra do esposo,
de toda a familia a ruina,
ou a fronte que se inclina
sob um labéo vergonhoso;
têm por geral penitencia
o despreso nos demais,
e Deus, que pune ainda mais
com a voz da consciencia!

(Já estão na outra extremidade do sofá: Theodora foge ao contacto de Dolores, inclina para traz o corpo e cobre o rosto com as mãos. Comprehende afinal)

Vem a meus braços, Theodora...
(A parte)
Pobresinha, me enternece!
(Alto)
Esse homem não te merece.

THEOD. Mas onde quer ir, senhora,
com tamanho desafogo?
Eu não tenho medo, é espanto!
não ha nos meus olhos pranto:
nos meus olhos só ha fogo!
Quem disse o que ouvi agora?
Quem é esse homem? será...
elle, acaso?...

DOL. Ernesto.

THEOD. Ah! (Pausa)
E a mulher eu...!

(Signal affirmativo de Dolores. Theodora levanta-se)

Ouve, embora
te irrite o que vais ouvir.
Qual é mais vil não sei eu:

Digitized by Google

Se o mundo, que o concebeu,
ou tu, que o vens repetir!
Maldicto o labio damnado
que deu fórma a tal idea!
Maldicto aquelle que a creia,
por imbecil ou malvado!
Idea tão horrorosa,
que, só por não arrancal-a
da memoria, e por guardal-a
em mim, já sou criminosa!
Jesus! Eu nunca o pensei!
Jesus! Eu jamais o cri;
se tão desgraçado o vi
que, como a um irmão, o amei!
Julião foi-lhe a bôa estrella...
Elle é nobre e tão austero...
(Detem-se, observando Dolores e voltando o rosto. Aparte)
Como me fita!... Não quero
gabal-o em presença d'ella.
De modo que principio
já a fingir!
(Affligindo-se visivelmente)

DOL. Vamos, calma...

THEOD. Que angustia sinto em minh'alma...
Que desconsolo...e que frio!..
Pela publica opinião
desta maneira manchada!..
Ah! minha mãe!.. mãe amada!..
Ah! esposo do coração!..
(Cae soluçando na poltrona da E. Dolores procura consolal-a)

DOL. Perdoa-me...Eu não pensava...
Não chores!..Pois se eu não cria
nada sério...Se eu sabia
que o passado te abonava!..
Mas se os factos assim são,
has de confessar tambem,
que de cada cento, cem,
de ti e do teu Julião
dirão com justo rigor

Digitized by Google

que ambos fostes imprudentes,
dando ensejo aos maldizentes
de pensarem o peior.
Tu, com vinte primaveras,
Julião, perto dos quarenta,
e Ernesto, um'alma sedenta
de aventuras e chimeras...
Em seus negocios teu esposo,
o outro em suas fantasias,
mais occasiões que dias,
e teu pensamento ocioso...
Quem vê ambos em passeio
ou no theatro Real...
mal faz em pensar tão mal;
mas, minha Theodora, eu creio
que com justiça e razão,
em tudo que se tem dado,
o mundo pôz o peccado
e vós destes a occasião.
A moderna sociedade,
permitte-me que t'o diga,
a culpa que ella castiga
com mais sanha e crueldade,
e de maneira mais varia,
no homem ou na mulher,
é isto que vou dizer:
A imprudencia temeraria.

THEOD. (Voltando-se para Dolores, mas sem attender ao que ella diz)
E dizes que o Julião?...

DOL. Sim!
E' o joguete da côrte.
E tu...

THEOD. De mim... não te importe.
Porém Julião!... Ai! de mim!
Tão bom... tão bom... tão sincero!...
Quando souber...

DOL. Saberá,
porque agora mesmo está
a prevenil-o o Severo.

Digitized by Google

THEOD. Que!...
JUL. (Dentro) Basta!
THEOD. Nossa Senhora!
JUL. (O mesmo)
Que me deixes!
THEOD. Ai! de mim!
Vamos d'aqui, sem demora!...
DOL. (Depois de chegar-se á primeira porta da D.)
E' melhor, vamo-nos; sim.
(Dirigem-se ambas para a E.)
THEOD. (Detendo-se)
Mas porque? Assim, parece,
afinal, que eu sou culpada!
Uma calumnia assacada
não mancha só, envillece!
E é tal o enredo maldicto,
que, contra toda a evidencia,
desde que entra na consciencia,
parece o proprio delicto!
Porque da falsa deshonra
me oprimem os torpes laços?
(Neste momento apparece á porta da D. primeiro plano D. Julião e atraz Severo.)
Julião!
JUL. Theodora! (Theodora corre a elle que a abraça apaixonadamente.) Em meus braços!
E' este o teu posto de honra!

SCENA VII

THEODORA, DOLORES, JULIÃO e SEVERO

(A ordem dos personagens da esquerda á direita é a seguinte:—Dolores, Theodora, Julião, Severo; Theodora e Julião formando um grupo: ella nos braços d'elle.)

JUL. Pela vez primeira, passe!
E, viva Deos! que é passar;
porém quem torne a manchar
com lagrimas esta face, (Apontando Theodora)
eu juro — e não juro em vão—

Digitized by Google

os humbraes da minha porta
não passa mais, pouco importa
que seja o meu proprio irmão!
(Pausa. Acaricia e consola Theodora)

SEV. Repeti o que lá fóra
murmuram de ti, Julião.

JUL. Infamias.

SEV. Pois bem, serão.
Mas deixa contar-te agora
o que todo o mundo sabe.

JUL. Torpezas, mentiras, lodo!

SEV. Mas repetir...

JUL. Não é modo,
de conseguir que isso acabe.
(Pequena pausa.)

SEV. Não, não tens razão.

JUL. Rasão
de mais. Que mania a tua,
querer trazer-me da rua
o lixo para o salão!

SEV. Pois será!...

JUL. Não ha de ser!

SEV. Meu é teu nome!

JUL. Não mais!

SEV. Tua honra!

JUL. Pensa que estás
diante de minha mulher.
(Pausa)

SEV. (Baixo a Julião)
Ah! Se nosso pae vivesse!

JUL. Que dizes? Não ouvi bem...

DOL. Caluda, que Ernesto ahi vem...

THEOD. (Aparte)
Que infamia!... Se elle soubesse!

(Theodora volta-se e inclina o rosto; D. Julião observa-a fixamente.)

Digitized by Google

SCENA VIII

Os mesmos, ERNESTO e PEPITO

(Estes vêm pelo fundo. Logo que elles entram separam-se os grupos, vindo Ernesto a D. Julião e Pepito a Theodora)

ERN. (Aparte) Juntos... Não é illusão.
Será acaso o que temi?
O que a este imbecil ouvi...
(Refere-se a Pepito que vem entrando)
Não foi pois sua invenção.

PEP. (Que tem olhado com estranheza para um e outro lado)
Saude e bom appetite,
porque se aproxima a hora.
O Camarote, Theodora.

THEOD. (Recebendo-o maquinalmente)
Obrigada.

ERN. (Aparte) O meu palpite!...
(Baixo a D.Jul.) Mas que tem Theodora?

JUL. Nada.

ERN. (O mesmo)
Está pallida e chorosa...

JUL. (Sem poder conter-se)
Não te importe a minha esposa.
(Pausa. D.Julião e Ernesto cruzam um olhar)

ERN. (Aparte) Miseraveis! Foi jogada
perfeita.

PEP. (Baixo a Dolores, apontando Ernesto)
Doido varrido!
por que me puz a fallar
de Theodora... «Oh! atrevido!»
E quasi me quiz matar!...

ERN. (Triste, mas resoluto e com nobresa)
D. Julião. Maduramente
refflecti na sua offerta...
E... meu labio não acerta...
custa a mover-se, tremente...
Embora conheça que eu

Digitized by Google

da sua bondade abuso...
emfim, D. Julião, recuso
o logar que me off'receu.

JUL. Porque ?

ERN. Porque sou assim,
um poeta, um sonhador;
e nunca meu pae, senhor,
achou carreira p'ra mim.
Eu necessito viajar,
sou inquieto e mal affeito...
Emfim, eu não me sujeito,
como outros, a vejetar.
Espirito aventureiro,
de toda a procella zombo,
e vou, qual outro Colombo,
seguindo ignoto roteiro.
Formei seguro a intenção
de proceder como quero,
e se tenho ou não razão
que lh'o diga D. Severo.

SEV. Falla com criterio e senso,
com muita sciencia, e bem;
ha muito tempo que eu penso
dessa maneira tambem.

JUL. Com que, sentes tentação
de ver mundo, de viajar?
Então nos queres deixar?
E que meios tens?... quaes são?

SEV. (A Julião) Deixa-o ir onde é provavel
que encontre a carreira justa;
quanto ao mais, é rasoavel,
seja feito á tua custa.
Quanto quizer: não concebo
que elle poupe nem um *cuarto*.

ERN. (A Severo)
Nem eu deshonras reparto,
nem eu esmolas recebo. (Pausa)
Mas, emfim, isto ha de ser;
e como uma despedida

Digitized by Google

é triste... que nesta vida
talvez os não torne a ver;
façamos este convenio:
(Profundamente commovido)
Trocamos um bom abraço
para romper este laço...
e perdoem-me o meu genio.

SEV. (Aparte) Como se fitam, meu Deus!

THEOD. (Aparte)
Que alma tão formosa tem!

ERN. D. Julião, que é que o detem?
Este é o nosso ultimo adeus.
(Dirige-se a Julião com os braços abertos; Julião recebe-o nos seus e abraçam-se fortemente.)

JUL. Não; os factos bem pezados,
nem ultimo nem primeiro:
é o abraço lisongeiro
de cavalheiros honrados.
D'esse projecto agoirento
não quero que falles mais.

SEV. Porém, não parte?

JUL. Jamais.
Não mudo a cada momento
de planos; e muito pouco
podem pezar na mudança
loucuras de uma creança,
ou creancices de um louco.
Fôra mancha e necedade
sujeitar minhas acções
ás nescias murmurações
da muito heroica cidade.

SEV. Julião...

JUL. Basta, que a meza
nos aguarda.

ERN. (A Julião) Não, não quero,
não posso...

JUL. Pois eu espero
que possas. Ou já te peza
meu dominio?

ERN. Por favor!...

Digitized by Google

JUL. Vamos lá, que já é hora.
(A Ernesto) Off'rece o braço a Theodora,
e leva-a á meza.

ERN. (Olhando para Theodora e retrocedendo)
Senhor!...
A Theodora?!

THEOD. (O mesmo)
Ernesto!

JUL. Sim,
como sempre.
(Movimento de duvida e vacillação. Afinal, Ernesto acerca-se e Theodora apoia-se ao seu braço, mas sem se olharem, interdictos, commovidos, violentados. Tudo fica recommendado aos actores.)

(A Pepito) E vamos, tu...
dá o teu .. por Belzebuth!
á tua mãe. Junto de mim
(Pepito dá o braço a Dolores)
Severo, meu bom irmão.
(Apoiando-se nelle um momento)
Eia! vamos ao jantar,
que ha de o prazer rebentar,
com o copo erguido na mão!
Ha quem murmure? Deixal-o:
que murmure francamente;
pois que me não causa abalo
o que diz toda essa gente.
Palacio eu quizera agora
com paredes de cristal,
pr'a que esses corvos do mal
vissem Ernesto e Theodora;
e, sem temor a baldões,
a todos mostrasse assim,
o que se me importa a mim
de calumnias e villões.
Cada um siga a sua sorte,
(Neste momento apparece um criado com traje de etiquetta: de preto e gravata branca)
porque...

CRI. A mesa está servida.
(Abre a porta do refeitorio: vêem-se a mesa, as poltronas, lampada pendente do tecto, etc. Em summa: uma mesa e sala de luxo.)

Digitized by Google

JUL. Pois façamos pela vida,
que farão por nossa morte.
Vamos. (Convidando a que entrem.)

THEOD. Dolores.

DOL. Theodora.

THEOD. Os senhores...

DOL. Os senhores...

THEOD. Não; vá adiante, Dolores.

(Dolores e Pepito passam á frente e dirigem-se ao refeitorio, lentamente; Theodora e Ernesto ficam, no emtanto, immoveis, e como absortos em seus pensamentos. Ernesto fita a vista sobre ella.)

JUL. (Aparte) Elle a comtempla e ella chóra.

(Seguem de longe Dolores. Theodora vacillante, detendo-se e enchugando o pranto.)

Fallam-se baixo ..(A Severo, á parte.)
Você
não ouve?

SEV. Creio que ouvi.

(Ernesto e Theodora têm-se detido e voltado a cabeça furtivamente. Depois seguem.)

JUL. Porque volvem para aqui
os dois a vista?... Porque?

SEV. Vaes entrando na razão.

JUL. Vou entrando em tua loucura!
Ai! a calumnia é segura:
Vae direita ao coração!
(Dirige-se com Severo ao refeitorio.)

(Cae o panno)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO SEGUNDO

A scena representa uma sala pequena e excessivamente modesta, quasi pobre. Uma porta ao F ; á D do espectador uma porta unica ; á esquerda uma janella de balcão. Uma estante de pinho com alguns livros ; uma meza ; uma poltrona. A meza á E ; sobre ella uma photographia de D. Julião em um quadro; ao lado outro quadro egual ao anterior mas sem retrato;ambos pequenos. Tambem sobre a meza um candieiro apagado, um exemplar da *Divina comedia* de Dante, aberto no episodio de Francesca e um pedaço de papel meio queimado ; outros papeis soltos e o manuscripto de um drama. Algumas cadeiras. Todos os moveis são pobres, em harmonia com a pobreza do quarto. E' dia.

SCENA I.

JULIÃO, SEVERO, UM CRIADO.

(Os trez entram pelo fundo)

SEV. Está em casa?

CRI. Não, senhor.
Sahiu ha muito a passear.

SEV. Esperemos; é o melhor.
Com certeza ha de voltar.

CRI. Por certo. Mais que o patrão
pontual não ha ninguem,
e duvido que haja alguem
de tamanha exactidão.

SEV. Bem. Vae-te.

CRI. Sim, D. Severo.
Se fôr mister, com presteza
me chame: lá fóra espero.
(Sae pelo F.)

Digitized by Google

SCENA II.

JULIÃO E SEVERO

SEV. (Examinando o quarto)
Que modestia!
JUL. Que pobreza,
deves dizer.
SEV. (Olhando á porta da D.)
Julião,
olha um quarto sem sahida,
(Olhando á porta do fundo)
e esta ante-sala então!
toda de moveis despida.
E esta saleta acanhada,
se isto póde ser saleta!
JUL. Gabinete de poeta...
SEV. E está contado; mais nada!
JUL. Pois bem; mas ingratidões,
sentimentos detestaveis,
paixões más e miseraveis
e calumnias de villões,
comece o diabo a contar,
embora muito e depressa,
que jamais hade acabar!
Isto é que é certo.
SEV. Ora essa!
Quiz o acaso...
JUL. Não me digas
isso; eu sei quem tudo fez.
SEV. Então quem foi? Eu, talvez!...
JUL. Tu tambem. Estas intrigas,
antes de ti as formou
o povinho malicioso,
que de um casal venturoso
sem rebuço murmurou;
e depois eu, que tambem
zeloso e mau, sem pensar,
deixei sahir do meu lar

Digitized by Google

esse mancebo, que tem
provado tanta altivez,
como eu tenho ingratidão.
Porque, Severo, tu vês
o meu luxo e ostentação;
dos meus salões a grandeza,
da minha firma o prestigio,
emfim, todo o aureo fastigio
d'esta faustosa riqueza.
Sabes tu de onde procede
tudo isto?

SEV. Não estou lembrado.

JUL. Isso é sempre o que succede,
esse é o premio sempre dado
á bondade, ao sacrificio:
O esquecimento profundo!
Sim; é com elle que o mundo
paga sempre o beneficio.
Ah! nós nunca nos lembramos
do favor, que na desgraça,
—sem trombetas nem reclamos—
um bom amigo nos faça.

SEV. E's comtigo exagerado;
foi tal a tua bondade,
que até honra e f'licidade
quasi lhe has sacrificado.
Que mais se pode exigir,
ou que mais fizera um santo?
Tudo tem um termo—tanto
o mal como o bem. Quiz ir
embora; é muito orgulhoso,
teimou, reteimou, venceu;
emfim de nada valeu
o teu protesto amistoso.
Como é dono dos seus actos,
e senhor do seu nariz,
uma manhã, porque quiz,
deixou tua casa. Insensatos
planos, que hão de apoquental-o!

Digitized by Google

Abandonou-te altaneiro
p'ra viver n'este pardieiro!
Mas quem podia evital-o?

JUL. Todos, se apenas tratasse
cada qual de sua vida
e da alheia não fallasse
batendo a lingua atrevida.
Que lhes importava que eu,
do dever seguindo o trilho,
fizesse de Ernesto um filho
e ella um irmão? Quem deu
direito á malicia alvar
dos mineiros da torpeza
para infamias inventar,
porque eu tinha á minha meza,
com affeição descuidosa,
no theatro e no passeio,
junto a uma jovem formosa,
um moço distincto e cheio
de altivez, nobre e bizarro?
Do amor impuro os prazeres
são neste mundo de barro
entre os homens e as mulheres
o unico laço de união?
Não existe a sympathia,
a amisade, a gratidão?
Ou tal é a villania,
que nos perverte de todo,
que belleza e mocidade
sómente se unem no lodo?
E, quando fosse verdade
o que a turba sem juizo
anda ahi a boquejar,
d'ella eu acaso preciso
para as affrontas vingar?
Tenho os olhos—para vêr,
para vigiar—a attenção;
e p'ra injurias rebater:
ferro, braço, e coração!

Digitized by Google

SEV. Muito bem; de accordo estamos;
mas eu, que sou teu irmão,
que tenho o teu nome... vamos,
devia calar-me?

JUL. Não.
Porém devias ter sido,
n'um caso tão delicado,
mais prudente e precavido,
e só a mim, com cuidado
e reserva me avisar,
communicando-me o facto;
e não—assim—levantar
tal celeuma e espalhafato!

SEV. Se pequei, pequei somente
por excesso de cuidado;
quando, porém, francamente,
eu me confesse culpado;
nem por isso, todavia,
se torna o injusto baldão
verdade; e, pois, allivia,
desaffoga o coração.

JUL. Não posso desaffogar
o meu peito, porque nelle
arraigou-se, a meu pezar,
esta infamia, que me impelle
para a duvida invencivel,
absurda, feroz e bruta;
de modo que nesta lucta,
horrorosa, incoercivel,
de dois impulsos contrarios,
a opinião publica quiz
que eu fosse a um tempo juiz
e cumplice! Extraordinarios
factos em que ora me vejo,
e cujo fim não presumo!
Em mim mesmo me consumo,
commigo mesmo pellejo!
cresce-me a duvida amarga,
ruge o coração exangue,

Digitized by Google

e diante de mim se alarga
um rubro manto de sangue!

SEV Deliras?

JUL. Não; quem delira?!
Minha alma te manifesto.
Acaso pensas que Ernesto
de minha casa sahira,
se eu não tivesse deixado,
se eu lhe puzesse embaraço?
E se eu lhe tolhesse o passo
me teria aban'onado?
Se sahiu foi porque havia
em minh'alma triste e absorta
uma voz que me dizia:
« Deixa-lhe aberta a tua porta,
« e depois que houver sahido,
« a tua porta resguarda:
« que em pontos de honra é sabido
« que quem confia é máu guarda.
O desejo que eu mostrasse
não o tinha no coração;
uma voz: — que elle voltasse,
me dizia, e outra que não.
A um tempo fazia alarde
de franqueza e muito acato,
e era hypocrita e cobarde,
era astuto e era ingrato!
Não, Severo, não se porta
assim um homem honrado.

(Deixa-se cair na poltrona que está juncto á meza, mostrando grande abatimento.)

SEV. Porta-se assim quem se importa
com o dever de homem casado
com mulher moça, na aurora
da idade e da formosura,
e de espirito exaltado.

JUL. Não digas tal de Theodora:
Alma limpida e tão pura
como espelho cristallino,

Digitized by Google

que imprudentes empanamos,
se acaso n'um desatino
a bocca lhe approximamos.
A luz do sol reflectia,
antes que as serpes do mal
chegassem com ousadia
para fitar o cristal.
Hoje dentro d'elle estão:
sombras sem corpos! deixal-as!
Tu verás que a minha mão
dentro em pouco ha de arrancal-as!
e nelle então, novamente,
rasgado o turbido véo,
refulgirá resplendente
o limpido azul do céo!

SEV. Tanto melhor.

JUL. Isso não.

SEV. Mas que falta?

JUL. Falta tanto!

Facil parece a questão
e quasi finda; no entanto
assim não é. Torturado,
neste luctar incessante,
bem sinto que a cada instante,
tem meu caracter mudado.
Hoje pareço a Theodora
tristonho e desconfiado;
não sou o mesmo de outr'ora,
por mais que o deseie ser.
E ao ver que assim vou mudando,
deve ir comsigo pensando:
« Céos! Que quer isto dizer?
« Que é feito do meu marido?
« que motivo terá havido
« para operar tal mudança?
« que razões o têm coagido
« a retirar-me a confiança
« que sempre me dispensou?
« Noto-lhe todos os passos,

Digitized by Google

« e bem convencida estou
« que ha uma causa mysteriosa
« que o desprende dos meus braços.
« Qual? Não sei! Ah! desditosa
« que eu sou! » E desta maneira
uma sombra, lentamente
vae-nos tornando, traiçoeira,
um ao outro indifferente,
e aos poucos nos separando!
A confiança acabou-se
entre nós. Onde esse brando
affecto antigo? tão doce,
tão confiado e seguro?
onde os colloquios constantes
de amor? debalde os procuro!
e onde os sorrisos que d'antes
eram tão bons e amorosos?
Hoje estamos bem mudados:
em mim — zelos rancorosos,
nella — prantos desgraçados;
eu no meu amor ferido,
ella ferida tambem
e por mim, por seu marido,
no que de mais puro tem:
seu melindre e seu carinho.
Eis o ponto em que ora estamos.

SEV. Pois se assim é, caminhamos
por um bem triste caminho.
Mas se vês tão claramente
o que se passa — porque
não dás remedio?

JUL. Vanmente
busco fazel-o. Eu sei que
sou injusto e faço mal
se duvidar de Theodora,
bem sei; não duvido agora;
mas quem me diz que afinal,
eu pouco a pouco perdendo
e elle ganhando, — não hade

Digitized by Google

ser finalmente verdade
esse infortunio tremendo
que hoje mentira julgamos?
(Chegando-se a Severo, agarrando-lhe um braço e fallando-lhe com reconcentrada energia e mal contidos zelos.)
Porque afinal,—ora vamos!—
eu—o sombrio, eu—o zeloso,
eu—o tyranno, eu—o malvado;
e elle—o nobre, o generoso,
sempre doce e resignado!
Com a aureola do martyrio,
que é tão formosa e attrahente,
e faz o encanto, o delirio
das mulheres—é evidente,
será elle, meu irmão,
quem ha-de—nem ha negal-o—
levar o melhor quinhão,
ganhando o que eu vou perdendo,
e, sem poder reparal-o,
meu infortunio fazendo.
Eis francamente a verdade;
e mais:—O mundo traidor,
por distracção, por maldade,
com seus perfidos reclamos,
entre os dois desperta o amor;
e embora, em face d'aquillo,
exclamem: «Não nos amamos!»
á força de repetil-o,—
por pensal-o acabarão.

SEV. Se assim é, creio, Julião,
que será mais acertado
deixar que Ernesto prosiga
no plano que tem formado,
e executal-o consiga.

JUL. Pois para impedil-o venho.

SEV. Pois é grande insensatez:
Que siga no louco empenho!
A Buenos-Ayres deseja
ir? Pois que vá d'uma vez!

Digitized by Google

e vento fresco! Ora veja!

JUL. E queres tu que eu pareça
a Theodora — baixo e ingrato,
e o seu desprezo mereça
por ciumento e insensato?
E' que nem sabes, sequer,
que o homem que é desprezado
assim por uma mulher,
poderá ser seu amante,
mas que se elle fôr casado,
ficará desde esse instante
para sempre deshonrado.
Desejas tu que Theodora,
com sua imaginação
acompanhe — mares fóra —
das aguas pela amplidão,
o desterrado infeliz
que a chorar se foi embora,
demandando outro paiz?
Pois não vês que se eu achasse
de uma lagrima o signal
na sua pallida face
e sequer desconfiasse —
o' pensamento infernal! —
que esse pranto ella o vertia
por *elle*, no mesmo instante
(Com reconcentrado furor)
nas minhas mãos morreria,
suffocada e delirante?...

SEV. Mas, então que é que devemos
fazer?

JUL. Esperar somente.
E' preciso que deixemos
que isso vá naturalmente.
Ao mundo cabe o dever
de dar desenlace ao drama,
visto que lhe deu a trama,
e soube o enredo tecer
com seu vivo olhar fatal;

Digitized by Google

tão certo é que o olhar do mundo
é poderoso e fecundo
para o bem ou para o mal.

SEV. (Acercando-se do F)
Ahi vem alguem, Julião.

CRI. (De dentro, mas sem apresentar-se)
Não se demora o patrão.

SCENA III.

JULIÃO, SEVERO, PEPITO (Pelo fundo)

SEV. Tu, aqui?

PEP. (A'parte) Bonito! já
o souberam! 'stou logrado!
Todos junctos! Bello achado!
adeus, tio; adeus, papá.
(A' parte) Sabem de tudo: cuidado!
(Alto) Vieram naturalmente
ver Ernesto?

SEV. Certamente.

JUL. Estarás tu ao corrente
do que ora faz esse louco?

PEP. Do que?... Ah! sim! sei um pouco:
o que sabe toda a gente.

SEV. E a viagem? Que resolveu?

PEP. Que amanhã ha de partir,
visto ter que decidir
hoje, aqui...

JUL. (Com estranheza) Que dizes?

PEP. Eu?
O que ouvi a Pepo Uceda
hontem á noute; é o padrinho
do Visconde de Nebreda...
Ah! se acaso direitinho
não se portar na rascada...
(Notando a surpreza de Severo e Julião:)
Pois não sabem ao que alludo?
Cuidei que...

Digitized by Google

JUL. (Com resolução, impedindo um movimento de Severo)
Sabemos tudo.
SEV. E' que nós...
JUL. (A Severo, áparte) Não digas nada!
(Alto) Que parte amanhã ouvimos,
e hoje vae jogar a vida.
Para duello e partida
evitar—foi que aqui vimos.

(Em toda esta scena D. Julião finge estar inteiramente ao facto do lance, afim de illudir Pepito, obrigando-o a dizer tudo, embora esteja bem claro que fôra sómente por causa da viagem de Ernesto, que elle veiu á sua casa. O auctor recommenda os pormenores e accidentes do dialogo á perspicacia dos seus interpretes.)

SEV. (A'parte, a Julião)
Que duello?
JUL. (O mesmo, a Severo) Não sei; de prompto,
porém, tudo saberemos.
PEP. (A'parte) Bem: não fiz papel de tonto.
UL. (Com ares de muito inteirado)
Perfeitamente sabemos...
que com um visconde...
PEP. Sim.
JUL. ...tem Ernesto combinado
um duello... Foi-nos contado
quer a teu pae, quer a mim,
por pessoa criteriosa
que soube logo do facto...
Uma historia escandalosa,
(Gesto affirmativo de Pepito)
muita gente; espalhafato,
(O mesmo)
mentes tu! não minto! um cento
de palavras em roldão...
PEP. (Interrompendo-o com o afan e o prazer de quem sabe mais)
Palavras? um bofetão
maior do que um monumento!
SEV. Mas quem apanhou?
PEP. Nebreda.

Digitized by Google

JUL. (A Severo)
Nebreda! Ouviste, Severo?
(Alto, a Pepito)
Tornara-se tão azeda
a rixa, e em tal desespero
se viu Ernesto, que, emfim,
perdeu a calma e estourou!

PEP. Justo.

JUL. (Com sufficiencia)
De principio a fim,
alguem tudo nos contou.
(Com anciedade mal contida)
E é serio o lance?

PEP. Mui serio;
dizel-o pezar me dá,
mas com os senhores já
é inutil fazer mysterio.

JUL. Certamente; e com que fim?
(Acercam-se anciosamente de Pepito, este faz uma pausa e se dá o tom de quem communica uma noticia má)

PEP. Pois é de morte! (Olha-os com ar de triumpho)
E o visconde,
não se assusta, nem se esconde:
é um grande espadachim!

JUL. E a questão? Pelo que sei,
deu-lhe o visconde razão...

PEP. Pequena foi a questão,
e como foi lhes direi.
(Pausa. Severo e Julião acercam-se d'elle com profunda anciedade.)
Ernesto, que desejava
deixar amanhã Madrid,
uma passagem no Cid,
bem cedo em Cadix comprava;
e como Luiz Alcaraz
promettido ha muito havia
uma carta, que dizia
ser de um effeito efficaz,
como recommendação;
Ernesto, na bôa fé,
foi recebel-a ao café,

Digitized by Google

com a melhor intenção.
Mas tendo Alcaraz sahido,
resolve esperal-o. Então,
—sendo alli desconhecido—
ouve uns sugeitos, que vão
continuando com gosto
na vida alheia a *cortar;*
sem nenhum d'elles o rosto
de Ernesto e os modos notar.
Veiu á baila toda a gente;
quem ha que á lingua resista?
Alli passou-se revista
a todo bicho vivente.
E nesse jury bizarro,
mais fumarento que um trem,
entre a cinza do cigarro
e os copos que vão e vêm,
e entre o assucar espargido,
nessa enorme confusão,
foi o marmor convertido
em meza de dissecção.
A cada mulher cuspida:
mais um copo que se esgota!
e entre os chascos e a risóta,
vão chagando a alheia vida;
e com quatro tesouradas
deixaram esses madraços,
as honras—esfarripadas,
e as damas — feitas pedaços.
E, comtudo, na verdade,
isso que foi? isso que é?
Dichotes da sociedade
sobre as mezas de um café.
Quem tal diz, certo, não sou,
nem o penso:— é manifesto.
Mas isto disse-me Ernesto
quando o facto me contou.

JUL. (Impacientado)
Então? Não acabarás?

Digitized by Google

PEP. Por fim—entre mais de cem
nomes, ouviu-se o... de alguem,
e Ernesto não poude mais!
« Quem se atreve a escarnecer
de um homem honrado?—exclama.
Responderam-lhe:—« Uma dama. »
E nomeou-se uma mulher.
A arder-lhe em raiva o semblante,
lançou-se sobre Nebreda,
foi logo sopapo e quéda...
E n'um campo de Agramante
transformou-se esse local.
E eis o fim da trapalhada:
hoje um duello, e logo á espada!...
n'um salão, mas não sei qual.

JUL. (Agarrando-lhe fortemente um braço:)
Era eu esse homem?!...

PEP. Senhor!

JUL. E Theodora era a mulher?!
Té onde foram descer
o meu nome e o meu amor!
(Cae sobre a poltrona, occultando o rosto nas mãos)

SEV. (A'parte, a Pepito)
Que fizeste, desgraçado?

PEP. (Idem, a Severo)
Pois não disse que o sabia?
Eu então... por isso... cria...

JUL. Deshonrado! deshonrado!

SEV. (Acercando-se d'elle, com carinho:)
Julião!

JUL. E' verdade; é!
bem sei: é preciso calma,
mas ah! eu fico sem alma
se acaso me foge a fé!
(Cosendo-se ao irmão, com ancia)
Porque, porque deste modo
nos infamam, entretanto?
qual a rasão porque tanto
sobre nós atiram lôdo?

Digitized by Google

Que importa ? Ao fim hei de ir ter
sempre leal e sincero;
Conto comtigo, Severo ?

SEV. Se contas ?! Até morrer !
(Apertam-se as mãos com força)

JUL. (A Pepito:)
O duello ?

PEP. A's tres.

JUL. (A'parte)
Eu o mato!
se o mato ! (A Severo:)
Vamos.

SEV. P'ra onde ?

JUL. Procurar esse visconde.

SEV. Tratas talvez de...

JUL. Sim; trato
de fazer tudo o que posso :
vingar minha honra offendida
e tambem—salvar a vida
desse honrado e bravo moço !
(A Pepito:)
Dize :—os padrinhos quem são ?

PEP. Os dois:—Rueda e Alcaraz.

JUL. Conheço-os (A Pepito:) Nada dirás,
se houver alguma occasião
e vier Ernesto...

PEP. Entendido.

JUL. E depois, sem parecel-o,
indaga onde é que o duello
deve ser.

SEV. (A Pepito) Toma sentido.

JUL. Vem.

SEV. Que tens, Julião?

JUL. (Apertando-lhe um braço nervosamente:)
Prazer !
e como nunca senti !

SEV. Que diabo ! Não estás em ti !
Prazer? !

JUL. De esse moço ver.

SEV. A Nebreda?

Digitized by Google

JUL. Sim; repara
que a vil calumnia tem sido
impalpavel até hoje,
e até hoje ver-lhe a cara
embalde tenho querido,
porque se esgueira e me foge.
Mas já sei onde se esconde;
tomou corpo humano, emfim;
vejo-a ahi deante de mim,
sob a fórma de um visconde.
De fel e de sangue ardente
tres mezes! por Belzebúth!
e agora... imagina-o tú:
— Eu e elle — frente a frente!...
(Saem pelo fundo Julião e Severo)

SCENA IV.

PEP. (Só) Pois, senhores, é uma intriga,
e como nunca se viu!
Mas tambem, por mais que diga
contra o que affirmo meu tio,
foi rematada loucura,
foi provocar um affecto
pôr debaixo de um só tecto
um anjo de formosura
e Ernesto, moço garboso,
alma de fogo e lyrismo,
talento fantasioso,
todo entregue ao romantismo.
Solemnemente elle jura
entre elles nada existir
além da affeição mais pura,
que dois irmãos possa unir.
Porém eu, — que vejo fundo,
e apezar de moço, hei visto
muitas cousas neste mundo; —
eu não me levo por isto,
não me fio da *irmandade*

Digitized by Google

entre tão jovens *maninhos.*
Mas vá que seja a amizade
que os enlaça em taes carinhos.
Quem é que o pode saber?
Não o comprehende ninguem,
e ninguem tem o dever
de pensar de tudo bem.
Pois junctos não se apresentam
no Retiro, no passeio,
no theatro? Isso commentam
os que o vêm. Nem ha meio
de evital-o, certamente;
pois que, taes cousas notando
varias vezes toda a gente,
toda a gente o vae contando.
Mas Ernesto, commovido,
« que não, que não » me jurava
e, « rara vez », affirmava,
junctos haviam sahido.
Foi isso uma vez? Se acaso
cem pessoas, então vissem,
o mesmo fôra em tal caso
que se cem vezes sahissem.
Pois, senhores, ha de a gente
testemunhas inquirir,
e datas cuidosamente
confrontar, para induzir
quantas vezes realmente
foi que os dous junctos andaram?
se uma ou muitas, por ventura?
e á luz do dia passearam
sua sympathia tão pura
e seu fraternal carinho?
Isto não é rasoavel
nem serio, e fôra mesquinho
se fosse realisavel.
Cada um do que sabe falla,
e nisso culpa não tem;
« — Eu os vi uma vez »— propala

Digitized by Google

este; e aquelle: « Pois tambem
eu uma vez junctos os vi... »
Um e um são dous, e aqui
já duas vezes nós temos.
« Eu tambem » diz um terceiro.
Mais outra vez registremos...
E quatro e cinco e um milheiro,
e de tal sorte sommando,
quem sabe onde se vae ter?...
Olharam: foram notanto,
pois que os olhos são pr'a vêr,
sem que se queira saber
se o visinho gosta ou não.
Que elle se metta comsigo,
e se lembre que, de facto,
quem evita a occasião,
tambem evita o perigo!

(Pequena pausa)

E olhem que dou de barato
a pureza da affeição!
Isto é gravissimo assumpto!
pois penso que pr'a estar juncto
de Theodora, sem amal-a,
é preciso ser penedo
frio, immovel, duro e quêdo,
que nem mesmo o raio abala.
Sim, Ernesto é um metaphysico,
é um philosopho insano,
pensador arguto e fino,
e mathematico e physico...
porém ai! tem corpo humano,
e ella tem corpo divino!
e por tanto ha de ser fraco,
e basta da carne um grito
para que—*Corpo di Baccho*!—
haja corpo de delicto!...
Ah! se as paredes fallassem!
se os pensamentos de Ernesto
fórma tangivel tomassem

Digitized by Google

neste seu quarto modesto!
Vejamos: Esta moldura...
este quadro está vasio,
porém naquelle figura
o retrato de meu tio.
Inda ha bem pouco o retrato
de Theodora estava alli;
está hoje a bom recato...
Porque se sumiu d'aqui?
Pr'a evitar a tentação?
(Senta-se juncto á mesa)
Se é esta a causa, a reprovo!
e inda peior se a razão
foi—procurar sitio novo,
abrigo no coração.
Vamos; fallae, mensageiros
invisiveis da suspeita,
ó diabretes chocarreiros!
que tendes a mão affeita
ao urdimento sophistico
da intriga e da invenção!
accusae sem compaixão
esse philosopho mystico!
(Descobrindo com o olhar, sobre a mesa, o poema do Dante)
Ahi temos cousa, por certo.
Nem uma vez aqui vim
que não encontrasse assim
este bello livro aberto.
(Lendo) « Divina comedia, » « Dante. »
O seu poema adorado! (Reparando:)
Porém... já tenho notado
que neste ponto é constante:
— Francesca; d'aqui não passa.
Ah! este caso tem graça;
e apenas, como se vê,
tem duas explicações:
Ou que Ernesto nunca lê,
e é incrivel tal desleixo
nesse rei dos sabichões;

Digitized by Google

ou lê sempre o mesmo trecho.
Mas... vejo agora... Que é isto?
Esta pagina manchada
por uma lagrima!... O' Christo,
quanta tristeza ignorada!
sob mostras de prazer
quanto mysterio não jaz!
e como é difficil ser
casado e viver em paz!
Cá está um papel queimado... (levantando-o da mesa ou do chão.)
mas não de todo estragado...
(Levanta-se e aproxima-se da janella, procurando lêr no papel. Neste momento entra Ernesto e detem-se observando-o)

SCENA V.

PEPITO, ERNESTO

ERN. Que estás ahi lendo?
PEP. Ernesto? Ah!
Um papel que aqui rolava...
e a ventania levava...
ERN. (Tomando-o e devolvendo-lh'o, depois de um instante de observação)
O que é isto nem sei já...
PEP. São versos. Sabel-o vaes:
(Lendo, mas difficilmente)
« O fogo que me devora »
(A'parte) Bravo! rima com Theodora!
ERN. Qualquer cousa...
PEP. (Desistindo de ler) E nada mais.
ERN. Esse papel sem valor
symbolisa a nossa vida:
alguns gemidos de dôr
e fria cinza espargida.
PEP. Mas são versos?
ERN. Sim. Não sei
muitas vezes que fazer
e a penna deixo correr.
Assim á noute os tracei.

Digitized by Google

PEP. E então para mais dextro
descrever a situação,
buscavas inspiração
do grande genio no estro.

ERN. Pode ser.

PEP. Não ha negar :
E' uma obra gigantesca !
(Apontando o livro)
Episodio de Francesca...

ERN. (Com ironia e impaciencia)
Hoje estás para acertar.

PEP. Nem tanto, por Belzebuth!
Ahi mesmo onde está aberto
ha um ponto em que não acerto,
e que explicar-me vaes tu
com teu talento brilhante.
E' o caso: Diz o Dante,
que lendo um livro de amor,
por passatempo e mais nada,
Paolo e Francesca adorada
chegam ao ponto em que o auctor,
provando não ser um zote,
galhardamente celebra
amores de Lançarote
e da rainha Ginebra.
Tal fogo para tal roca!
Falla o livro então de um beijo,
e o moço, a arder n'um desejo,
deu-lhe um beijo sobre a bocca.
Em tal ponto e occasião,
o poeta florentino,
com accento peregrino,
e sublime concisão,
diz o que alli acharás
(Apontando o livro)
e tem um sentido ignoto:
que o livro lhes foi Galeoto
e o livro não leram mais.
Não leram mais? Comprehendo.

Digitized by Google

Nisso duvida não ha.
Mas Galeoto, dize-o cá,
quem foi? E' o que eu não entendo;
e tu bem deves sabel-o,
pois é o titulo do drama
(Apontando alguns papeis que se suppõe serem o drama)
que escreveste e tanta fama
te ha de dar. Vamos a ver.
(Pega do drama e o examina)

ERN. Da rainha e Lançarote
foi Galeoto o medianeiro,
e em amores o *terceiro*
pode chamar-se por mote,
e com verdade—*o Galeoto*.
Sobre tudo tendo em mira
evitar nome que fira,
para evitar alvoroto.

PEP. Comprehendi perfeitamente.
Mas não ha uma expressão
na lingua, mais clara e á mão?

ERN. Sim; muito propria e eloquente.
Este officio que em dobrões
converte as leviandades,
e, entrelaçando vontades,
se alimenta de affeições;
ah! sim, tem nome e eu o sei,
mas não o posso dizer...
Medita qual possa ser,
(Mostrando o drama)
pois ahi mesmo o não direi.
(Arranca o drama das mãos de Pepito e o atira sobre a mesa)
Em cada caso especial
um *Galeoto* vejo e noto;
mas ás vezes é *Galeoto*
toda a massa social.
Obra então sem consciencia
de que exerce tal officio;
por influxos de outro vicio
de mui diversa apparencia;

Digitized by Google

mas tal astucia se dá
em vencer honra e pudor,
que outro Galeoto maior
nem se viu, nem se verá.
Um homem e uma mulher
vivem felizes e em calma,
cumprindo com gosto e alma
um e outro o seu dever.
Os dous não nota ninguem.
E' perfeita a felicidade;
mas nesta heroica cidade
muito pouco dura o bem.
Acontece uma manhan
que se lhes nota o semblante
e já, desde aquelle instante,
por teimosa, ou por villan,
se convence a sociedade,
sem motivo e intuito serio,
de que entre os dous ha mysterio
de impureza e leviandade
E está dito ! e está acabado !
Não ha razão que os convença,
nem argumento que os vença,
nem tem honra o mais honrado !
E o terrivel desta acção
está em que—ao começar
não ha razão e, ao findar,
pode ser que haja razão !
A athmosphera é tão densa,
—a que os miseros circumda—
onda tão forte os inunda,
e a pressão é tão intensa,
que se acercam sem sentir,
e se ligam sem querer,
e confundem-se ao cahir,
e idolatram-se ao morrer !
O ariete foi o mundo,
que virtudes arruinou;
elle a infamia preparou...

Digitized by Google

foi o *Galeoto*... (A'parte)
Vae-te, immundo
pensamento! maldição!
que o teu fogo me devora!...

PEP. (A'parte)
Se assim tambem diz Theodora,
Deos proteja D. Julião!
(Alto) E acaso sobre esse dado
foi que tu fizeste aquillo? (Aponta para o papel queimado)

ERN. Certamente.

PEP. Tão tranquillo
que assim 'steja e descuidado,
o seu tempo a dissipar,
sem occupar-se de nada,
quem dentro em pouco hade estar
brandindo em lucta uma espada
com o visconde, que, em rigor,
com uma espada na mão
é homem—parece peta!
quem o não vir, não crê, não.
Pois não seria melhor,
em vez de idylios de poeta,
preparar um golpe recto,
e uma parada em terceira,
do que cansar a molleira
sobre tal verso incorrecto,
ou sobre tal consoante
declarado emprestadio?
com todo esse sangue frio
não pensas que estar diante
do visconde é serio?

ERN. Eu?
Não. E com muito bom fundo:
se eu o mato, ganha o mundo;
se me mata, o ganho é meu.

PEP. Bem. Melhor é isto assim.

ERN. Mas deixemos este assumpto.

Digitized by Google

PEP. (A'parte)
Com astucia lhe pergunto
agora... (Acercando-se d'elle e em voz mais baixa.)
E é hoje?
ERN. Hoje, sim.
PEP. No campo?
ERN. Não. A tal hora
não: pois ninguem ignora
o meu duello com o visconde.
PEP. Em alguma casa então?
ERN. Assim o propuz.
PEP. Mas onde?
ERN. (Tudo o que se segue é dito com frieza e indifferença)
Lá em cima: um salão vasio;
um magnifico salão,
muito claro e prestadio.
PEP. E que falta?
ERN. Armas sómente.
PEP. (Chegando-se ao fundo)
Parece-me que vem gente...
Fallam fóra... Vem alguem...
Os padrinhos?
ERN. Pode ser.
PEP. Parece voz de mulher... (Chegando-se á porta)
ERN. (Chegando-se tambem)
Porque será que os detêm?

SCENA VI

ERNESTO, PEPITO, CRIADO

CRI. (Com certo mysterio a Ernesto)
Perguntam pelo senhor.
PEP. Quem pergunta?
CRI. Uma senhora.
ERN. É estranho!
PEP. (Baixo ao criado)
Pede?

Digitized by Google

CRI. (O mesmo a Pepito)
Chora.
PEP. (Alto)
E' jovem ?
CRI. Eu, em rigor,
não o posso dicidir:—
A ante-sala é muito escura,
e a tal senhora procura
de tal maneira cobrir
a cara, que o conhecel-a
pequena empreza não acho;
e falla baixo, tão baixo,
que até nem pude entendel-a.
ERN. Quem será ?
PEP. Quem te quer ver.
ERN. Não atino...
PEP. (Aparte) Isto é curioso...
(Alto) Adeus; tenho que fazer.
(Dando-lhe um abraço e tomando o chapeu)
Um abraço e sê ditoso.
(Ao criado)
Que é que esperas, paspalhão ?
CRI. Que o patrão a mande entrar.
PEP. (Ao criado)
Nestas cousas, é olhar
e adivinhar a intenção.
E depois, até o momento
em que, emfim, saia a embuçada,
conserva a porta fechada;
caia embora o firmamento.
CRI. Com que então mando-a entrar cá?
ERN. Sim. (A Pepito que já está na porta)
Adeus.
PEP. Adeus, Ernesto.
(Saem Pepito e o criado pelo fundo)
ERN. Uma dama ? Que pretexto ?
Ou que razão ?...
(Pausa: neste momento Theodora apresenta-se á porta do fundo e nella se detem. Vem coberta por um véu)
Já aqui está !

Digitized by Google

SCENA VII

THEODORA, ERNESTO. (Ella pelo fundo sem se atrever a adiantar-se ; elle no primeiro plano voltando-se para ella.)

ERN. Pois que tal honra me deu,
(Convidando-a a entrar)
queira ter minha senhora...

THEOD. (Interrompendo-o e erguendo o véu)
Perdão, Ernesto.

ERN. Theodora!

THEOD. Fiz mal em vir?... Diga-me...

ERN (Indeciso e balbuciante)
Eu...
não o sei, visto que ignoro
a que devo uma honra assim...
Porém que digo? Ai! de mim!

Se aqui dentro o seu decôro
ha-de achar respeito tal... (Com exaltação)
que maior não possa ser,—
porque, senhora, temer
que nisso possa haver mal?

THEOD. Por nada .. E um tempo esquecido—
mas para sempre passado!—
houve, em que nem duvidado
eu teria, nem temido;
em que cruzára um salão
qualquer, ao seu peito unida,
sem a fronte enrubecida,
sem medo no coração;
em que, se partisse, assim
como dizem, então... sim...
como aquelles que se vão
talvez não possam volver...
como é tão triste perder
um amigo... ante Julião...
ante o mundo... commovida,
porém se outro cuidado...

Digitized by Google

eu mesma... lhe houvera dado...
os braços por despedida!...

ERN. (Faz um movimento, mas detem-se logo)
Ah! Theodora!...

THEOD. Mas agora...
o mesmo já não se dá...
Um abysmo entre nós ha.

ERN. Tem razão, minha senhora.
Já não podemos querer-nos,
nem ao menos como irmãos,
já se mancham nossas mãos;
se se aproximam, ao ver-nos.
Mas o que foi já não é.
Necessitamos vencer-nos!...
devemos aborrecer-nos!

THEOD. (Com ingenuidade e angustia)
Aborrecer-nos! Porque?

ERN. Tal cheguei a proferir?...
Eu aborrecel-a?

THEOD. Sim.

ERN. Não faça caso de mim.
Se a occasião exigir
a minha vida e a quizer—
tão triste e tão dolorida!—
dar-lh'a-lhei, pois dar-lhe a vida
(Com paixão:)
Será... (Transição: contendo-se e mudando de tom:)
cumprir um dever.
(Pequena pausa)
Aborrecer!... Sem juizo,
se eu disse palavra tal,
é que pensava no mal,
nos desgostos, no prejuizo
que dei—sem querer—perdão!
a quem tanto me queria!...
A senhora, sim, devia
me aborrecer, mas eu... não!

THEOD. (Com tristeza)
Muito me hão feito chorar.

Digitized by Google

Ah! nisto sim, tem razão:
(Com muita doçura)
mas a si meu coração
não quer, nem póde accusar.
Nem, pensando sem despeito,
pode condemnal-o alguem:
O senhor que culpa tem
do mal que os outros tem feito?
ou do empenho venenoso
que mostra este mundo impío,
ou do caracter sombrio
que tem o meu pobre esposo?
do seu entejo, que é dôr,
do seu modo, que me corre,
das tristezas em que morre,—
pois que até do meu amor
duvida...

ERN. Pois justamente,
nelle, menos que em ninguem
tal facto desculpa tem.
Tortura-me cruelmente,
só o pensal-o, e protesto
e juro—que não merece
perdão, e que se envillece,
e não é homem honesto,
esse homem—que puder,
sincero, no coração,
(Com ira profunda)
desconfiar de uma mulher
como a que tem D. Julião.

THEOD. Mas a duvida bem cara
lhe tem custado...

ERN. (Espantado de haver accusado D. Julião deante de Theodora) Mas, não!
Que é isto? Accusal-o? Eu?
(Apressando-se a desculpar D. Julião e a destruir o effeito do que dissera:)
Sim, á duvida cedeu,
como qualquer duvidára;
e duvída quem adora:

Digitized by Google

não existe amor sem zelos...
quem é que pode contel-os?
Se ha quem duvide, Theodora,
de Deus mesmo!? E' o que se chama
egoismo: De aureo thesouro
o dono—guarda o seu ouro,
porque é ouro e porque o ama;
eu mesmo—ó doce illusão!—
se a possuil-a chegara,
(Com crescente exaltação)
duvidára, duvidára
até de meu proprio irmão!
(De repente detem-se, ao observar que vae cair no mesmo abysmo de que anteriormente fugira. Theodora neste mesmo instante ouve vozes ao fundo e dirige-se á respectiva porta.)

(Aparte) Coração, onde é que vás?
que ha no teu seio profundo?
Se te calumnía o mundo
como é que razão lhe dás?

THEOD. Ouça, Ernesto... Alguem chegou...

ERN. (Aparte, vendo o relogio)
Duas apenas .. (Indo ao fundo)
Serão?...

THEOD. (Com certo terror)
Ouço a voz de Julião.
Vae entrar, vae...

ERN. Não; parou...

THEOD. (O mesmo, como perguntando a Ernesto)
E se fôr Julião...?
(Faz um movimento para dirigir-se á porta da D. Ernesto detem-a respeitosa, porem energicamente.)

ERN. Aqui...
recebel-o-hemos lealmente...
porem se for... *essa gente...*
(Apontando-lhe a porta da D.)
Então, Theodora, olhe:—alli...
(Prestando ouvido)
Nada ouço.

THEOD. Meu coração
salta...

ERN. Não ha duvidar:

Digitized by Google

já se foi quem quiz entrar,
ou foi tudo uma illusão.
(Vindo ao primeiro plano)
Por Deus, Theodora...

THEOD. (o mesmo) Eu queria
fallar-lhe, e pr'a isso vim...
mas passa o tempo e por fim...

ERN. Vôa o tempo!

THEOD. Bem. Dizia
eu...

ERN. Theodora, por favor...
Perdão... Mas.. não é prudente...
Se chegasse gente?.. E gente
deve chegar...

THEOD. Ao senhor
vim fallar, precisamente
para evital-o.

ERN. De modo?...

THEOD. Que sei do negocio todo.
O sangue que vão verter
somente por meu respeito,
eu o sinto na face arder
(Comprimindo o seio.)
e todo affluir-me ao peito!

ERN. Vamos; porque não se esconde,
misera flôr offendida,
até que eu arranque a vida
a esse perfido visconde?
Quiz lodo? Pois terá lodo
de sangue!!...

THEOD. (com espanto) Sua morte?

ERN. Sim.
(Reprimindo um movimento de supplica de Theodora.)
Bem sabe: dispõe de mim;
ás suas ordens de todo
estou—com uma excepção:—
a de não querer que eu tenha,
lembrando a injuria ferrenha,—
por Nebreda compaixão.

Digitized by Google

THEOD. (Com accento choroso e supplicante.)
Ah! mas por mim!
ERN. Por si?
THEOD. Sim.
Será o escandalo horrivel!
ERN. E' possivel.
THEOD. E' possivel?!...
E o senhor o diz assim?!
E não procura evital-o,
quando a pedil-o só venho?
ERN. Esse poder já não tenho;
posso porem castigal-o.
Assim penso, assim o digo.
Corre isto por minha conta.
Buscaram outros a affronta,
eu buscarei o castigo.
THEOD. (Aproximando-se d'elle e fallando-lhe em voz baixa, como temendo ouvir-se a si propria.)
E Julião?
ERN. Julião? Pois bem...
THEOD. Se o souber...
ERN. Sabel-o-ha.
THEOD. E que dirá?
ERN. Que dirá?
THEOD. Sim; pois é claro que...quem
deve mostrar seu valor
por mim, é elle que me ama
e é meu marido...
ERN. A uma dama,
todo homem, que honrado fôr,
defender pode, sem ser
parente, amigo ou amante:
pois escutar é bastante
que se insulta uma mulher.
A esse duello por que vou?...
Porque foi que a defendi?...
Foi porque a calumnia ouvi,
e porque, emfim, sou quem sou.
Quem estranha a peripécia

Digitized by Google

que tal direito negasse.
Não 'stava eu lá? Defendêsse-a
o primeiro que chegasse.

THEOD. (Que o tem ouvido attentamente, como dominada pelo tom energico de Ernesto, aproxima-se d'elle e lhe aperta a mão com effusão)
Isso é de homem nobre e honrado,
e era em si caso previsto!
(Detem-se, affasta-se tristemente e diz:)
Mas meu marido com isto,
Ernesto, fica humilhado.
(Com profunda convicção.)

ERN. Elle, humilhado?!...

THEOD. Assim é.

ERN. Porque razão?

THEOD. Sem razão.

ERN. Quem o dirá?

THEOD. A opinião
de todos.

ERN. Porem por que?

THEOD. Quando souber essa gente
que foi meu nome offendido,
e que não foi meu marido
quem o perfido insolente
castigou... e ainda mais:
(Baixando a voz e a cabeça e evitando o olhar de Ernesto)
que o senhor tomou-lhe o posto,
haverá novo desgosto;
e em vez do escandalo dado,
dois escandalos fataes
neste caso desgraçado!

ERN. (Convencido, mas protestando)
Se se ha de pensar em tudo
que acaso possam dizer,
por mais que se faça estudo,
não ha modo de viver.

THEOD. Já vê que tenho razão.

ERN. Assim é; mas é horrivel!

THEOD. Pois então ceda.

ERN. E' impossivel.

Digitized by Google

THEOD. Mas se eu lhe supplico!...
ERF. Não.
E bem pensado, Theodora,
melhor será que a Nebreda, —
embora o peior succeda,
pois o futuro se ignóra, —
accuda eu; por que, emfim,
a esse visconde malvado,
o que lhe falta de honrado
lhe sobra de espadachim.

THEOD. (Um tanto offendida da especie de protecção um pouco humilhante que Ernesto dispensa a Julião.)
Mas coragem tambem tem
D. Julião.
ERN. Sorte fatal!
Ou me exprimo muito mal,
ou não me comprehende bem.
Eu confesso o seu valor;
mas entre homens de coragem,
desde que se lhes ultragem
nome, honra e pundonor,
não se pode adivinhar
o que possa acontecer,
nem quem vencido ha de ser,
nem quem logrará matar.
E se o visconde puder
vencer no lance funesto,
entre D. Julião e Ernesto
(Com sinceridade, mas triste)
a escolha é facil de vêr.

THEOD. (Com verdadeira angustia)
O senhor?... Não! Está louco?
ERN. Porque? se esta é a minha sorte?
Quem perde com a minha morte,
se eu mesmo perco tão pouco?!...
THEOD. (Quasi sem poder conter o pranto)
Não diga isso, por Deus!
ERN. Pois que deixo eu neste mundo?
que estima, que amor profundo?

Digitized by Google

Atraz dos despojos meus,
que mulher irá pranteando
com prantos de enamorada?

THEOD. (Sem poder conter as lagrimas)

Ah! toda a noute passada
estive por si rezando...
E diz que labio nenhum...
(Com explosão)
Bem vê:— não pode morrer!

ERN. Sim, reza-se por qualquer,
(Com paixão)
mas só se chora por um!

THEOD. (Com estranheza)
Ernesto!..

ERN. (Assustado de suas proprias phrases)
Que?!...

THEOD. (Separando-se d'elle)
Nada...

ERN. (Com timidez, baixando a cabeça e fugindo tambem de Theodora)
Sim...
se eu já lhe disse ha bocado:
Sou um louco, um desastrado.
Não faça caso de mim.

(Pausa. Ficam quietos, silenciosos, longe um do outro e sem ousarem encarar-se.)

THEOD. (Apontando ao fundo)
Outra vez!

ERN. (Seguindo o movimento de Theodora)
Ouço ruido.

THEOD. (Indo ao F. prestando ouvido)
Alguem quer entrar.

ERN. (Idem) Vem gente.
(Apontando-lhe o quarto)
Alli.

THEOD. Que venha; innocente
estou...

ERN. Não é seu marido.

THEOD. Não é Julião?! (Ernesto faz um signal negativo e leva-a á D.)

Digitized by Google

Eu esperava...
(Parando junto á porta, supplicante)
A esse duello não vá!

ERN. Impossivel! Pois se eu já
o esbofeteei!...

THEOD. Ignorava!
(Com desespero, mas comprehendendo que é impossivel qualquer accordo)
Pois fuja!

ERN. Perco a razão!

THEOD. Por mim, por elle, por Deus!

ERN. Odio... sim... mas—justos céus!
o desprezo d'elle?! oh! não!

THEOD. (Com desespero)
Uma palavra e não mais:
vêm buscal-o?

ERN. Não é hora.

THEOD. Jura-o?

ERN. Juro, sim, Theodora.
Aborrece-me?

THEOD. Jamais!

PEP. (Fora) Deixa... vel-o necessito!

ERN. Vamos!

THEOD (Entra pela D.)
Sim.

PEP. Quem se me oppõe?

ERN. Oh! A calumnia se impõe,
e faz real o delicto!...

SCENA VIII

ERNESTO, PEPITO

(Este pelo fundo, sem chapéo e profundamente agitado)

PEP. Vae p'ro diabo!... Entrarei!
Ernesto! Ernesto!...

ERN. Que é lá?...

PEP. Ah! nem sei como o direi...
e é necessario...,

Digitized by Google

ERN. Diz' já !
PEP. Meu cerebro se espedaça ;
sinto-o arder... Quem o pensára !
ERN. Vá ; dize-me a cousa e clara !
que foi ? Dize.
PEP. Uuma desgraça.
(Muito rapidamente)
D. Julião poude saber
do duello e sem tardar,
quiz nelle parte tomar
e veiu logo aqui ter ;
mas aqui não te encontrando,
com teus padrinhos fallou
e logo á casa os levou
do visconde ; alli chegando...
ERN. Como o conseguiu ?
PEP. Sei lá !
Elle era como um tufão,
deante de si, de roldão
tudo levava... Nem ha
quem possa contel-o !
ERN. E emfim ?...
PEP. (Separando-se de Ernesto e indo ao F.)
Espera. Não ouves nada ?...
creio que descem a escada...
ERN. Quem será ?
PEP. São elles, sim ;
trazem-n'o em braços... coitado !
ERN. (Trazendo Pepito com violencia ao primeiro plano)
É espantoso ! dize o resto.
PEP. Pois bem. Escuta-me, Ernesto :
estava desesperado ;
forçou-o a bater-se ; então
disse o visconde: « Pois bem !
os dois ! » ; veiu D. Julião
á tua casa logo. Vem
teu criado, fecha a porta,
e diz que estavas fallando
com uma senhora, e ninguem

Digitized by Google

podia entrar... « Mas que importa? »
diz elle então, desgalgando
a escada—« Melhor p'ra mim !
fica tudo ao meu cuidado ! »
e elle e os padrinhos por fim,
e meu pae e o desalmado
visconde e eu tambem, que vira
todo esse triste incidente,
subimos rapidamente...

ERN E bateram-se ?

PEP. Com ira !
como dois homens que vão
com raiva desesperada
buscar na ponta da espada
o execrado coração !

ERN. E elle ?... Não ! Não é verdade !

PEP. Já vem ahi... Justos céus !

ERN. Dize que não... por piedade !

PEP. (Apparecem ao fundo D. Julião, D. Severo e Rueda. Trazem D. Julião mal ferido. A ordem da E. para a D. é :— Severo, Julião, Rueda.)
Por aqui...

ERN. Valha-me Deus !

SCENA IX.

ERNESTO, D. JULIÃO, SEVERO, PEPITO, RUEDA.

ERN. D. Julião !... Meu bemfeitor !...
Meu pae !... Meu amigo !...
(Precipita-se ao seu encontro, chorando.)

D. JUL. (Com voz debil)
Ernesto !

ERN. Maldito—eu !

SEV. Vamos ; presto !

ERN. Pae !

SEV. Vamos ; succumbe, á dôr !

ERN. Por mim !

JUL. Não, Ernesto.

Digitized by Google

ERN. Triste.
de mim!... perdão!...
(Tomando-lhe a mão direita e inclinando-se ou ajoelhando-se)

JUL. Que fazer?...
Tu com o teu dever cumpriste,
e eu cumpri com o meu dever.

SEV. Um leito!
(Deixa D. Julião que é amparado por Pepito)

PEP. (Apontando a porta da direita)
Vamos deital-o.

ERN. (Com accento terrivel.)
Nebreda!...

SEV. Não mais loucura!
ou tu queres por ventura,
hoje acabar de matal-o?

ERN. (Frenetico.)
Pois se é loucura verão!
Venham dois..! E' o meu direito!
(Precipitando-se para o fundo)

SEV. (Dirigindo-se para a direita.)
Ao teu quarto e no teu leito...

ERN. (Que já estava no F. detendo-se espantado.)
Onde?

SEV. Lá dentro.

PEP. Sim.

ERN. (Precipita-se e cobre a porta com o corpo.) Não!
(O grupo que conduz D. Julião quasi desfallecido, pára, mostrando assombro)

SEV. Recusas?!

PEP. Enlouqueceu!

SEV. Sae! não vês que vae morrer?!

JUL. (Soerguendo-se e fitando Ernesto com assombro e espanto)
Mas que diz elle?... Não quer?!

RUE. Não comprehendo!

PEP. Nem eu!

Digitized by Google

ERN. Está morrendo... e me implora !...
Meu pae ! duvída !...

SEV. (Empurra a porta por cima do hombro de Ernesto e abre-a. Apparece Theodora)
Entrará !

ERN. Jesus !

PEP. e SEV. Ella !

RUE. Quem será ?

THEOD. (Precipitando-se sobre D. Julião e abraçando-o)
Meu Julião !...

JUL. (Affastando-a de si para fital-a e, por um violento esforço, pondo-se em pé e desprendendo-se de todos)
Quem é ?... Theodora !!...
(Cae por terra sem sentidos)

(*Cae o Panno*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração do primeiro acto ; em vez do sofá uma poltrona.
E' noite. Um lampeão aceso sobre a mesa.

SCENA I.

PEPITO, só

(Escuta á porta da D. 2.º plano ; depois vem ao centro)

Passou a crise afinal...
Ao menos não se ouve nada.
Pobre D. Julião ! Bem mal,
bem mal ficou da estocada.
Muito incerta é a sua sorte!
Não repousa, nem se acalma :
de um lado a morte e outra morte
do outro lado o espera :—a d'alma!
Dois abysmos mais profundos
que um amor sem esperança !
Mas, que diabo de lembrança!
ando a percorrer os mundos
da fantasia e do drama...
Fico romantico á pressa !
tambem se eu tenho a cabeça
feita toda um panorama,

Digitized by Google

em cujo fundo irradia
o escandalo, a traição,
a infamia, a cavillação !...
Jesus ! que noite, e que dia!
e o peior não ha sciencia
que o diga, ou possa prevel-o.
(Pequena pausa)
Foi temeraria imprudencia
em tal estado trazel-o.
Mas tambem, qual será o tolo
capaz de oppor-se, pateta, —
se ao meu tio se encasqueta
uma idéa no miollo ?
E ha de dar-se-lhe razão:
pessoa honesta e atrevida
não ha, que inda tendo vida,
em tal casa, e occasião
ficasse; e elle então! que á farta
tem tempera, e alma a valer!
(Indo ao fundo)
Ahi vem mamãe para o ver.

SCENA II

O MESMO e DOLORES Pelo fundo.

DOL. Que é de teu pae ?
PEP. Não se aparta
um momento de meu tio.
Sempre pensei que o amava;
porém que a tanto chegava
o seu amor, desconfio
que nunca pensei. Agora,
se o que eu receio acontece!...
DOL. E teu tio ?
PEP. Esse, padece
e cala. A's vezes:— «Theodora!»
diz com voz aspera e dura;
outras vezes diz:—« Ernesto! »
e o lençol, com rude gesto,

Digitized by Google

nas mãos crispadas segura;
depois deixa se ficar
como um marmore sombrio,
e no ambiente vasio
fixa tenazmente o olhar.
Gelado suor de morte
lhe cobre da fronte o alvor,
porém de prompto o calor
o reanima, e fica forte.
Levanta-se então na cama;
escuta, e parece ouvir;
diz que *elle* o chama, e *ella* o chama;
arroja-se, e quer sahir.
E só a poder de instancias
meu pae lhe muda as idéas,
consegue calmar-lhe as ancias.
Calmar, não; que pelas veias
lhe leva o sangue abrasado
as iras do coração,
constantemente agitado.
Minha mãe, causa afflição
ver-lhe as contracções da bocca,
e os magros dedos crispados
como garras, a voz rouca,
os cabellos desgrenhados,
e as pupilas dilatadas
parecendo que appetecem
e bebem desesperadas,
as sombras que lhe apparecem
em redor do quarto e fóra.

DOL. E teu pae?

PEP. Põe-se a chorar.
Jura vingança tomar,
e tambem clama:— « Theodora! »
e tambem :— « Ernesto » —brada!
Se os encontra, com o intuito
que tem, temol-a travada!

DOL. Teu pae é muito bom.

Digitized by Google

PEP. Muito;
mas com um genio... de leão!
DOL. Bem poucas vezes se rala,
mas, chegando a occasião...
PEP. E' um tigre de Bengala,
salvo o respeito devido.
DOL. Nunca sem razão se exalta.
PEP. Não sei se sempre a tem tido,
mas desta vez não lhe falta.
E onde está Theodora?
DOL. Está
lá em cima, chorando, insana;
uma Magdalena!...
PEP. Já!
Arrependida ou leviana?
DOL. Não digas isso. Infeliz!...
uma menina!...
PEP. Que mata,
dôce, mansa, timorata,
a D. Julião! se o que diz
minha mãe tem importancia,
se é uma menina e tal faz
da vida quasi na infancia,
fiquem mais annos p'ra traz,
e nos accuda o senhor!...
DOL. Não; quasi não é culpada.
Teu amigo, o sonhador,
o dos dramas, d'esta alhada
foi o infame causador!
PEP. Mas se eu não nego, ora é bôa!
DOL, E por onde anda?
PEP. Em demencia,
Ernesto, a estas horas, vôa,
fugindo da consciencia,
pelas ruas, pelas praças!...
DOL. Mas elle tem-n'a?
PEP. E' possivel.
DOL. Que tristezas!
PEP. Que desgraças!

Digitized by Google

DOL. Que desengano!
PEP. Terrivel!
DOL. Que traição!
PEP. Como um punhal
vibrado por mão que affaga.
DOL. Que escandalo!
PEP. Sem egual!
DOL. Pobre Julião!
PEP. Sorte aziaga!

SCENA III.

DOLORES, PEPITO, CRIADO.

CRI. D. Ernesto.
DOL. E tem coragem!...
PEP. Assombra um descaro tal!
CRI. Eu pensei...
PEP. Pensaste mal.
CRI. Vem apenas de passagem;
disse ao cocheiro, ao chegar:
« Já volto; espere um bocado »
PEP. (Consultando sua mãe.)
Que fazer?
DOL. (Ao criado) Manda-o entrar.
(Sae o criado)
PEP. Eu o despeço.
DOL. Com cuidado.

SCENA IV.

DOLORES, PEPITO, ERNESTO.

(Este pelo F. Dolores sentada na poltrona. Do outro lado, em pé, Pepito. No 2· plano Ernesto, sem que ninguem se volte para recebel-o.)

ERN. (Aparte.)
Desdem! Silencio hostil! Assombro mudo!
Prodigio de maldade e de insolencia

Digitized by Google

— serei desde hoje — sem me haver manchado,—
para todos—: pois todos me desprezam.

PEP. (Voltando-se para elle com voz dura.)
Escuta, Ernesto.

ERN. Que?

PEP. Quero dizer-te...

ERN. Que saia, acaso?...

PEP. (Mudando de tom.) Oh! não! Jesus, que idéa!
Era... não mais... que perguntar... se é certo...
(Como procurando que dizer)
Que depois... ao Visconde...

ERN. (Sombrio, abaixando a cabeça.)
Sim.

PEP. (Estendendo-lhe a mão) Tua dextra!

ERN. Saí... louco! Detive-os na descida:
Subimos outra vez; a porta fecho.
Duas espadas, duas testemunhas;
depois. .não sei... dois ferros que se cruzam!
um grito!... um golpe!... um ai!... sangue que jorra!...
um assassino em pé...por terra um morto!

PEP. Ouviu, mamãe?! Que diabo! és um valente!

DOL. Mais sangue ainda?...

PEP. Assim o quiz Nebreda.

ERN. (Aproximando-se)
Dolores, por piedade!... Uma palavra!
D. Julião?... D. Julião?... Ah! se soubéra
a minha angustia, a minha dor! Que dizem?

DOL. Que a ferida mortal tem dentro d'alma,
e mais se aggrava quanto mais do leito
o senhor, que l'ha abriu, se lhe aproxima.
Saia pois d'esta casa.

ERN. Quero vel-o.

DOL. Saia! e depressa.

ERN. Não.

PEP. Tal insolencia!...

Digitized by Google

ERN. (A Pepito.)
E' mui digna de mim. (A Dol. com respeito.)
Perdão, senhora.
Sou apenas aquillo que desejam.

DOL. Por Deus, Ernesto!

ERN. Escute-me, Dolores:
Quando um homem como eu se menospreza,
e sem razão infame se lhe chama,
quando o forçam a ser um criminoso,
é para todos arriscada a lucta;
porém não para mim, que em lucta brava
com invisiveis seres, hei perdido
honra, carinho, amor e me não resta
mais que perder do que uns farrapos tristes
de insipida e monotona existencia.
Vim somente saber se uma esperança
inda resta...Pois bem! porque me negam
este consolo? (A Dolores) Uma palavra!

DOL. Vamos!...
Dizem que está melhor.

ERN. Sinceramente?
Asseguram-m'o? E' certo? Não me enganam?
Oh! a Senhora é compassiva e bôa!
Será verdade? Oh! Deos! Será verdade?
Oh! Salvae-o! Senhor! Meu Deus! Salvae-o!...
Que torne a ser feliz e me perdoe!
Que eu o abrace outra vez! Que o veja ainda!
(Cae na poltrona juncto da meza e occulta o rosto nas mãos, soluçando. Pausa.)

DOL. (A Pepito.)
Se viesse o teu pae, se acaso o ouvisse...
(Levanta-se e, com Pepito, aproxima-se de Ernesto.)
Valor! Coragem!

PEP. A chorar, um homem!
(A'parte.) Esta gente nervosa é dos diabos!
Soluça e mata por egual maneira.

Digitized by Google

ERN. Se prantos verto, se o soluço amargo
vem-me á garganta em convulsão hysterica,
se debil sou e fragil e sensivel,
como uma dama, ou como uma criança,
não pensem que é por mim; é so por elles!
por seu perdido bem, pelo seu nome,
para sempre manchado, pela affronta
que em troca ao muito que por mim fizeram
lhes dei, não por maldade, mas por força
da minha negra e desastrosa sorte!
Por isso choro! E se o passado triste
eu apagar com lagrimas pudera,
todo o meu sangue em lagrimas trocara,
sem gotta alguma conservar nas veias!

DOL. Silencio, por piedade!

PEP. Sim; mais tarde
fallaremos de prantos e tristezas.

ERN. Calar porque? se todos fallam hoje?
Fallemos, sim; pois que a cidade inteira
é sorvedouro e torvellinho movel
que chama, absorve, attrae, devora, arrasta,
trez honras e trez nomes, tres pessôas,
pelas sargetas da miseria humana
ao abysmo social do vilipendio!
e dos trez nelle afunda para sempre
reputação, porvir, honra e consciencia!

DOL. Mais baixo, Ernesto.

ERN. Não; se já são vozes!
se murmurios não são! se os ares enchem!
ninguem já ignora o tragico successo,
mas a seu modo cada qual o conta.
Sabe-se tudo sempre!—Alto prodigio!—
mas a verdade nunca!— Horrivel facto!

(Ernesto em pé: a seu lado e mostrando interesse por saber do que corre pela cidade Dolores e Pepito)

Dizem *uns* que, Theodora em minha casa,
por seu marido subito sorpreza,
o accommetti com impeto, cravando

Digitized by Google

no seu honrado peito—ferro ignobil—
Outros—amigos meus, seguramente—
de assassino vulgar emfim me elevam
a posição mais nobre:— Eu lhe dei morte,
mas em lucta leal— um duello em regra.
Ha, todavia, quem conheça a historia
com mais exactidão, e eis o que conta:
Que D. Julião no lance com Nebreda
o meu logar e a minha vez tomára.
Cheguei tarde!... por calculo ou por medo,
ou porque em braços... Não! Meus labios queima
a phrase tôrpe e enfebrecido o cerebro
é todo chammas, que um vulcão semelham!
Buscae o que mais manche: o mais infame;
o que mais baixo seja e mais revolte;
lodos do coração, escorias d'alma,
fézes vis de miserrimas consciencias;
lançae-o ao vento que atravessa as ruas,
com elle salpicae labios e lingoas,
e encontrareis a historia deste caso;
e nella sabereis o que emfim resta
de dois homenes honrados e uma dama,
quando seus nomes na cidade rolam!...

DOL. Não nego: é triste; mas talvez não seja
da opinião alheia toda a culpa.

PEP. Foi Theodora á tua casa; nella estava...

ERN. Para evitar o duello com o visconde.

PEP. Mas porque se escondeu!

ERN. Porque tememos
fosse a sua presença mal julgada.

PEP. A explicação é simples e facillima,
o difficil, Ernesto, é que a recebam,
porque ha outra mais facil e mais simples.

ERN. E que deshonra mais. . E essa é que é a bôa!

PEP. Mas ao menos concede que em Theodora
se malicia não foi... foi leviandade.

Digitized by Google

ERN. O delicto é prudente e cauteloso,
mas imprudente e facil a innocencia!
PEP. Dês que applique a todos essa regra—
anjos e santos acharás somente.
ERN. Muito bem; tens razão. Essas calumnias
que valor têm? que peso ou que importancia?
O horrivel é manchar-se o pensamento
de idéas más ao pessimo contacto;
que á força de pensar-se n'um delicto
chega a tornar-se facto na consciencia!
Vê-se espantoso, vê-se repugnante,
mas vê-se á noute, á noute... pelas trevas.
(A'parte) Mas... agora reparo: Estão me ouvindo
com ar de quem não crê, de quem duvida...
(Alto) Eu sou quem sou; meu nome é nome honrado:
se apenas por mentir matei Nebreda,
por trocar em verdades suas calumnias,
sendo eu culpado, então que não faria!
PEP. (A'parte a Dolores)
E negava! Se é claro!
DOL. (A Pepito) E' uma loucura!
PEP. (A'parte)
O que é certo, entretanto, é que confessa.
DOL. (Alto) Queira sahir, Ernesto.
ERN. Isso não posso.
Ah! se esta noute eu longe me encontrasse
daquelle leito, certo, perderia
o juizo!... a razão!...
DOL. Porém se chega
de repente Severo, e o vê?...
ERN. Q'uimporta?
Elle é homem leal!... melhor!...que venha!
foge quem teme e teme quem engana,
e não é facil que eu fuja, nem tema.
PEP. (Depois de escutar)
Ahi vem alguem...
DOL. E' elle.
PEP. (Indo ao F.) Não; Theodora.
ERN. E' Theodora?... Theodora!... Quero vel-a!

Digitized by Google

DOL. (Com severidade)
Ernesto !
PEP. (Idem) Ernesto !
ERN. Sim... para pedir-lhe perdão...
DOL. Mas o senhor não considera...
ERN. Sim; considero tudo e tudo entendo!
junctos — es dois? Ah! não! Basta! Não temam!
Dar por ella o meu sangue! dar a vida!
minha conscien-ia, meu porvir e honra:—
Porém ver-nos — jámais! Não é possivel!
Vapor de sangue entre nós dois se eleva!
(Sae pela esquerda)

SCENA V.

DOLORES E PEPITO.

DOL. Deixa-me só com Theodora,
vae ter com teu pae lá dentro.
Quero chegar bem ao centro
do seu coração. Agora
sei muito bem, sei de sobra
que muito lhe pezará
o que lhe digo.
PEP. (Sae pela D. 2.º plano) Até já.
DOL. Bem; agora mãos á obra.

SCENA VI.

THEODORA E DOLORES.

(Theodora entra timidamente, detendo-se juncto á porta do aposento de D. Julião e escuta, com ancia, afogando os soluços no lenço.)

DOL. Theodora...
THEOD. (Vindo ao seu encontro.) Ah! és tu?...
DOL. Valor!
Com pranto que se consegue?

Digitized by Google

THEOD. A doença como prosegue?
Como está?

DOL. Muito melhor.

THEOD. Salva-se? dize...

DOL. E' de crer.

THEOD. Se se salvar, desafio
a morte!

DOL. (Tral-a carinhosamente ao primeiro plano.)
Depois, confio
em teu juizo. Estou a ver
em teu pranto e anciedade
o arrependimento.

THEOD. Sim:
(Dolores mostra-se satisfeita)
fiz muito mal, ai! de mim!
com ir vel-o; isso é verdade.
(Desagrado de Dolores, por ver que não é o arrependimento que soppunha.)
Mas hontem tu me disseste
que houve insulto e houve duéllo...
Eu agradeço-te o zelo,
embora a dôr que me deste
não a possas calcular,
nem eu possa descrevel-a:
Que noite! que noite aquella!
Que gemer! Que delirar!
O sangue, o escandalo, a affronta
que o meu Julião supportou,
e tudo... perdida e tonta,
ante os meus olhos passou!
E tambem o pobre Ernesto,
ferido, talvez, por mim...
Porque me fitas assim?
Que mal ha nisto?—Esse gesto!...
Inda não estás convencida?
Pensas como toda a gente?

DOL. (Seccamente)
Penso que é impertinente
rec iares pela vida
de Ernesto.

Digitized by Google

THEOD. Não. Que o malvado
visconde, é espadachim!
Já vês... meu Julião...

DOL. Emfim,
o teu Julião foi vingado,
e o visconde estendido
de um golpe no coração.
De sorte que sem razão
(Com intenção e dureza.)
tens chorado e tens temido.

THEOD. (Com interesse.)
E foi Ernesto?...

DOL. Pois quem?

THEOD. Ao visconde?

DOL. Frente a frente.

THEOD. (Sem poder dominar-se)
Ah! que nobre e que valente!

DOL. Theodora!

THEOD. Isto que tem?

DOL. (Com severidade)
Eu vejo o teu pensamento.

THEOD. Meu pensamento?

DOL. Sim.

THEOD. Qual?

DOL. Tu bem o sabes!

THEOD. Fiz mal
em mostrar contentamento
por ver o Julião vingado:
mas um impulso sahido
d'alma, jamais é contido.

DOL. Não é isso o que has pensado.

THEOD. Mas tu não podes saber
melhor que eu mesma...

DOL. (Com profunda intenção) Mentira;
quando muito uma alma admira,
vae caminho do querer.

THEOD. E eu que admiro?

DOL. A bravura
desse moço.

Digitized by Google

THEOD. A fidalguia.
DOL. Pois assim se principia.
THEOD. Isso é delirio!
DOL. E' loucura!
mas em ti.
THEOD. Pensam que eu minto!
Sempre essa idéa maldicta!
Lastima immensa, infinita,
isso é o que eu sinto, é o que eu sinto!
DOL. Por quem?
THEOD. Por quem hade ser?
Por Julião.
DOL. Não tens ouvido
que andam lastima e olvido
a par sempre na mulher?
THEOD. Basta! por Deus! por piedade!
DOL. Quero allumiar-te a consciencia
com a voz da experiencia
e com a luz da verdade. (Pausa)
THEOD. Eu te escuto. E se te escuto,
permitte-me que te diga:
nem de uma irman, nem de amiga,
nem de mãe, o aspero e bruto
som da tua voz semelha.
Parece-me, ou eu 'stou louca,
que Satanaz por tua bocca
inspira, falla, aconselha!
DOL. Eu convencer-te procuro...
THEOD. (Seguindo-lhe a palavra)
Que, na minh'alma nascido,
morre o amor de meu marido
e nasce outro amor impuro,
que os sentimentos me imbota!
Dizer que este afecto morre!
Eu! que déra a ultima gotta
deste sangue que me corre
nas veias, e que me queima,
por um atomo de vida
(Apontando o quarto de Julião)

Digitized by Google

d'esse de quem repellida
sou! de quem teu esposo teima
em separar-me actualmente!
Se entrar alli neste instante
meu cunhado me deixasse,
quando eu emfim de repente,
lacrimosa e soluçante,
o meu Julião abraçasse;
taes meus carinhos seriam,
que estou bem certa que logo
suas duvidas se fundiriam
das nossas almas ao fogo!
E porque ame o meu esposo
hei de, desagradecida,
odiar a quem, generoso,
por mim arriscou a vida?
Não odial-o, é por ventura
amal-o?—Jesus me valha!
taes coisas o mundo espalha,
e taes historias procura,
taes successos tenho ouvido,
e sou tão calumniada;
que ás vezes de mim duvido,
e me pergunto espantada:
Serei o que diz o mundo?
Guardarei uma paixão
no fundo do coração,
bem da minh'alma no fundo,
minhas entranhas queimando
e de mim mesma ignorada?
Viverei acaso amando
sem perceber nada, nada?
E em triste, rapido instante,
em momentos não sabidos,
a chamma, o fogo infamante
brotará dos meus sentidos?

DOL. Confessas pois ser culpada!
A'mal o?

THEOD. Nunca o amei!

Digitized by Google

Olha, Dolores, não sei,
não sei como te persuada!
Noutro tempo—Quem diria?—
pergunta de tal jaez
meu sangue alvoraçaria...
Hoje, discuto, bem vês,
se sou honrada ou não sou!
Sou-o deveras. Não! soffrer
esta humilhação, é ser
digna da mancha!...

(Occulta o rosto nas mãos e cae na cadeira da D.)

DOL. Passou!
Não chores! vá! que tens tu?
Basta, basta; eu não prosigo.
Ouve só o que te digo.
N'uma palavra concluo:
Ernesto não é o que pensas.
E' mister que te convenças
d'isto. Illude muito, crê.
A confiança não merece.

THEOD. E' bom, Dolores.

DOL. Não é.

THEOD. Estima Julião.

DOL. Parece,
mas engana-o.

THEOD. Essa é a trama...

DOL. Não direi que dês abrigo
á sua paixão, mas digo...
somente digo—*que te ama...*

THEOD. (Com assombro, levantando-se.)
Elle, a mim!?

DOL. Toda a cidade
o sabe! Aqui, ha um instante,
deante de meu filho, deante
de mim...

THEOD. (Com ancia) Dize-me a verdade!
Acaba... acaba, Dolores!...

DOL. Disse que, por ti, seria
capaz de todas as dores!

Digitized by Google

Disse que, por ti, daria
honra, vida, alma, consciencia.
Isto em phrase arrebatada.
Quando chegaste, á chegada
quiz te ver... só com prudencia,
com rogos e com instancias
o consegui afastar.
Todavia estou em ancias:
temo que o possa encontrar
meu marido, e os odios seus
rebentem...

THEOD. (Apesar seu tem seguido esta falla com uma mescla estranha de interesse, assombro e terror: alguma coisa de indifinivel.)
Que villania!
Oh! quanta infamia, meu Deos!
E eu que por elle sentia
uma amisade extremada!
tão pura!...

DOL. Inda choras?

THEOD. Choro!
Os desenganos deploro
d'esta vida desgraçada!
Toda a dôr em mim concentro!
Um homem tão puro e nobre,
ver como se afunda e cobre
de manchas!... E está lá dentro,
dizes? Disseste ainda agora.
Elle! Ernesto! A's minhas dores
attende. Diz'-lhe, Dolores,
que se vá! Que se vá embora!

DOL. Eu bem lhe procuro um meio,
(Com verdadeira alegria)
e tua energia me agrada.
(Abraçando-a com effusão)
Perdôa-me!... agora creio!...

THEOD. E antes, não?
(A actriz dará a esta phrase toda a intenção que o auctor deseja que tenha.)

DOL. (Rapido) Não digas nada!...
que elle ahi vem...

Digitized by Google

THEOD. (Com impeto.) Não quero vel-o!
Diz'-lh'o... Espera-me Julião.
(Dirigindo-se para a D.)
DOL. (Detendo-a.)
Tu bem sabes que elle não
quer; e não posso contel-o.
E' impossivel!—E agora,
que os teus sentimentos pézo,
quero que veja, Theodora,
em ti o mesmo desprezo
que em mim viu, aquelle louco.
THEOD. Deixa-me!
ERN. (Detendo-se ao entrar.) Theodora!...
DOL. (Baixo a Theodora.) E' tarde!
Cumpre o dever, sem alarde. (A Ernesto.)
A mesma ordem que ha pouco
lhe dei, vai dar-lh'a Theodora,
dona d'esta casa...
THEOD. (Baixo a Dolores) Então!. .
não saias...
DOL. (Baixo a Theodora) Temes agora?
THEOD. (O mesmo.)
Eu temer!... Não temo! não.
(Faz-lhe signal que saia; Dolores sai pela D., 2.° plano.)

SCENA VII.

THEODORA e ERNESTO.

ERN A ordem foi que eu sahisse.
(Pausa. Os dois guardam silencio e não se atrevem a olhar-se.)
E m'a repete a senhora?! (Triste e respeitoso)
Pois nada tema, Theodora,
respeito, cumpro o que disse.
(Com dureza)
Os outros por nenhum preço
mandarão em mim. Comtudo,
(Com submissão :)
á senhora eu obedeço;
da senhora eu soffro tudo,

Digitized by Google

embora haja offensa, embora!

THEOD. Offendel-o, Ernesto, diz?...
Acredita?... (Sem encaral-o : contrariada e receiosa)

ERN. Não, senhora.
(Nova pausa)

THEOD. (Sem se voltar e sem olhar para elle)
Adeus... E seja feliz...

ERN. Bem; adeus. adeus, Theodora.
(Pára um instante, mas Theodora não se volta, não o encara, nem lhe estende a mão. Por fim, affasta-se. Depois de chegar ao F. volta e aproxima-se d'ella. Theodora sente-o chegar e estremece, mas não olha para elle)
Se todo o mal que, apezar
meu, por minha horrivel sorte,
lhe hei causado, com a morte
pudesse agora apagar...
juro que não ficaria,
juro-o como homem honrado,
sombra alguma do passado,
nem suspiro de agonia,
nem esse triste pallor,
(Theodora levanta a cabeça e fita-o com profundo terror)
nem esse olhar que me espanta,
nem um ai nessa garganta,
(Theodora affoga com effeito um soluço)
e nem lagrima de dôr!

THEOD. (A'parte, affastando-se de Ernesto)
Dolores disse a verdade!...
e eu tão cega, inadvertida!...

ERN. Um adeus de despedida,
apenas um, por piedade!

THEOD. Adeus. Sim, quero perdoar
o mal que nos fez.

ERN. Que fiz?...
eu?!...

THEOD. E' o senhor quem o diz.

ERN. Essa expressão, esse olhar...

THEOD. Não mais, Ernesto, é escusado!

ERN. Mas que fiz, que fiz p'ra isto?

THEOD. Suponha que eu não existo:
'stá tudo, tudo acabado!

Digitized by Google

ERN. Esse tom!... Esse desdem!...

THEOD. (Com dureza, estendendo o braço em direcção á porta)
Saia, senhor!

ERN. Deos! que ouvi?!

THEOD. Meu marido morre alli,
e eu aqui morro tambem!...
(Vacilla e para não cahir tem de apoiar-se á poltrona)

ERN. (Precipitando-se para amparal-a)
Theodora!

THEOD. (Repellindo-o com energia.)
Tocar-me! não!
meu coração se desmancha!
(Pausa. Quer dar uns passos, mas faltam-lhe as forças e querendo Ernesto sustel-a de novo, ella repelle-o)

ERN. Porque?

THEOD. (Com dureza)
Porque o senhor mancha!

ERN. Mancho?!

THEOD. Sim; como um villão!

ERN. Eu?! O' céos! como padeço!
Ella tambem! Impossivel!
Oh! a morte é preferivel!
Não é verdade! enlouqueço!
Oh! diga que não, Theodora!
Uma phrase, uma expressão
de consolo, ou de perdão,
ou de piedade, senhora!
Eu me resigno a partir,
e a não mais vel-a, qu'importa
se isto o meu futuro corta,
se isto mata o meu porvir!—
mas que em minha soledade
me siga com seu perdão—
a sympathia, a affeição—
pelo menos—a piedade!...
Eu partirei; porem conto
que me julgue bom e honrado,
e que a não tenho manchado;
não a affrontei, nem a affronto.
O que o mundo diz, não prézo—

Digitized by Google

desdenho-lhe as maldições,
e pelas suas paixões
tenho um profundo desprezo!
Fira cruel, rasgue fundo,
assaque a maior offensa,—
o mundo de mim não pensa,
tudo o que eu penso do mundo!
—Mas Theodora!—o ser mais puro
que forjou a fantasia!
o ser por quem eu daria
uma e mil vezes—eu o juro!
e o juro do peito meu,—
nesta interminavel guerra—
não só a vida na terra,
mas o meu logar no céo!—
(Com profunda emoção, com angustia profundissima e accento desesperado.)
que de uma negra traição
fosse eu capaz—suspeitasse,
que não tenho a alma na face...
isso, Theodora, isso não!

THEOD. (Com crescente anciedade)
Não me comprehendeu, senhor;
separemo-nos.

ERN. Theodora,
Assim, não; não!

THEOD. Sem demora!
eu lh'o peço — por favor!...
(Apontando para o quarto)
Julião soffre; bem vê.
Não o esqueçamos.

ERN. Porem
eu soffro, eu soffro tambem.

THEOD. Pois tambem soffre? Porque?

ERN. Por seu despreso...

THEOD. Isso, não!

ERN. Disse-o.

THEOD. Menti; não ha tal.

ERN. Houve algum motivo, e então
não soffremos por egual.

Digitized by Google

E neste luctar eterno,
e nesta implacavel guerra,
soffre *elle* como na terra
e *eu* soffro como no inferno!

THEOD. Por Deus!... Que sorte inclemente!

ERN. Rasga-se o meu coração!

THEOD. Basta, Ernesto, compaixão!

ERN. Isso peço unicamente!

THEOD. Piedade!...

ERN. Isso, sim, piedade!
(Acercando-se d'ella)
De mim... que teme?... ou que pensa?

THEOD. Perdôe-me se houve offensa...

ERN. Offensa, não. A verdade!...
a verdade, eis o que eu quero!...
e lh'a supplico, ajoelhado,
com o olhar em pranto banhado.

(Inclina-se deante de Theodora e toma-lhe uma das mãos; neste momento na porta do quarto de D. Julião apparece D. Severo e detem-se.)

SEV. (Aparte)
Miseraveis!

THEOD. D. Severo!

SCENA VIII

THEODORA, ERNESTO, SEVERO

(Ernesto separa-se para a E; Severo vem a collocar-se entre elle e Theodora)

SEV. (A Ernesto, com ira concentrada, e em voz baixa para que os não ouça D. Julião)
Por não achar nem phrase, nem palavra
que expresse a minha colera e desprezo,
terei de contentar-me com dizer-lhe:
E' um miseravel! Saia d'esta casa!

ERN. (O mesmo)
Em respeito a Theodora, e á casa, e á quelle
que geme alli, ferido, no seu leito,
terei tambem, senhor, de contentar-me

Digitized by Google

com lhe dar em resposta... o meu silencio.

SEV. (Pensando que elle sae, com certa ironia.)
Calar e obedecer é o mais prudente.

ERN. Não me entendeu, senhor:—Não obedeço.

SEV. Não obedece? Fica?

ERN. Se Theodora
não quizer repetir a ordem,—fico.
Ia sahir ha pouco—para sempre,
e Deos ou Satanaz tolheu-me o passo.
Veiu o senhor e me arrojou á face
injurias vis e, então, a essas injurias,
quaes se traições do inferno acaso fossem,
senti raizes que das minhas plantas
se agarravam firmissimas ao sólo.

SEV. Vamos a vêr, comtudo, se os criados
(Com energia:)
lh'as arrancam a páu.

ERN. Pois veja.
(Ernesto dá um passo para Severo com ar ameaçador; Theodora precipita-se entre os dois e o contem)

THEOD. Ernesto!
(Voltando-se depois com energia e dignidade para Severo:)
Sem duvida esqueceu que a casa é minha
(Apontando o quarto de Julião)
emquanto viva aquelle que é seu dono.
Para mandar aqui nós dois sómente
auctoridade temos e direito.
(A Ernesto, com doçura)
Não por elle:—por mim, por minha angustia...
(Ernesto não pode occultar sua alegria, ao vêr que Theodora o defende)

ERN. A senhora o deseja?

THEOD. Se lh'o peço!
(Ernesto inclina-se respeitosamente e dirige-se para o F.)

SEV. Tuá ousadia me confunde e assombra
tanto... não; muito mais do que a de Ernesto!
(Avançando ameaçadoramente para Theodora. Ernesto, que tem dado uns passos, detem-se, mas logo, fazendo um esforço sobre si mesmo, segue seu caminho.)
Ousas erguer a fronte, desgraçada!
e deante de mim?!... Curva a cabeça!
(Ernesto faz movimentos analogos aos anteriores, porem mais accentuados.)

Digitized by Google

Tu—timida e cobarde—como encontras
inda palavras para defendel-o?
Alto falla a paixão!
(Ernesto já no F., detem-se)
Mas não te lembras
que eu, antes mesmo de expulsal-o, soube
d'esta casa expellir-te, que manchavas
com o sangue de Julião! Porque voltaste?
(Tomando-lhe brutalmente um braço, subjugando-a com furor, e aproximando-se mais e mais d'ella)

ERN. Ah! não! não pode ser! Não!
(Precipita-se entre Theodora e Severo e os separa)
Larga, infame!

SEV. Outra vez?!

ERN Outra vez!

SEV. Voltas de novo?

ERN. Sim! que a Theodora ultraja a tua affronta!
(Desde este momento não se possue mais)
e sinto-me com vida, e animo tenho
para voltar e castigar-te a audacia,
para bem alto te chamar:—Cobarde!

SEV. A mim!

ERN. De certo.

THEOD. Não!

ERN. (A Theodora) Se é d'elle a culpa!...
pois se eu lhe vi a mão deitar colerico
sobre a senhora! assim, d'esta maneira!
(Agarra violentamente D. Severo por um braço.)

SEV. Insolente!

ERN. E' verdade; mas não largo!
Teve mãe o senhor? Amava-a muito?
Respeitava-a ainda mais? Pois assim quero
que a Theodora respeite e que se humilhe
d'esta mulher á dor profunda, immensa!...
d'esta mulher, mais pura e mais honrada
do que sua mãe, do que sua mãe; cobarde!

SEV. Tal disse?!!... a mim?!!

ERN. Não terminei ainda.

SEV. A tua vida!

ERN. Sim, porém mais tarde.

Digitized by Google

(Theodora quer separal-os, mas elle a affasta docemente com uma das mãos, sem soltar Severo da outra)

Acredita em um Deos?—E' necessario
p'ra tudo um creador, uma esperança.—
Pois como dobra os seus joelhos torpes
ante o altar de Deos que nos escuta,
ante Theodora—e já!— hão de dobrar-se.
Abaixo!... Ao pó!..

THEOD. Por piedade!

ERN. Ao solo!

(Obriga-o a ajoelhar-se deante de Theodora)

THEOD. Basta, Ernesto!

SEV. Mil raios!

ERN. De joelhos!

SEV. Tu?!

ERN. Eu!

SEV. Por ella?!

ERN. Sim!...

THEOD. Basta. Silencio!

(Theodora, aterrada, aponta para o quarto de D. Julião. Ernesto solta Severo, que se levanta e retrocede para a Direita. Theodora conduz Ernesto para o fundo; d'este modo ella e elle formam um grupo que se affasta.)

SCENA IX.

THEODORA, ERNESTO, SEVERO; depois JULIÃO e DOLORES

JUL. (Dentro)
Deixa-me!...

DOL. (O mesmo) Não; por Deos!...

JUL. (O mesmo) São elles!...Vamos!...

THEOD. (A Ernesto, fazendo-o sair)
Saia, Ernesto.

SEV. (A Ernesto) A desforra!

ERN. Não a nego.

(Neste momento apresenta-se D. Julião, pallido, descomposto, quasi moribundo e Dolores amparando-o. Ao apresentar-se elle, Severo está á D. no primeiro plano e Theodora e Ernesto formando um grupo ao fundo.)

Digitized by Google

JUL. Junctos!?... Onde é que vão?... Que m'os detenham!
Fogem de mim!... Traidores!...
(Quer precipitar-se sobre elles, mas faltam-lhe as forças e vacilla.)
SEV. (Correndo a amparal-o.) Não!
JUL. Severo,
mentiam!... enganavam-me!... os infames!...
(Emquanto pronuncia estas palavras, Dolores e Severo conduzem-o á poltrona da D.)
Alli!...Os dois! ..Alli!...Ernesto e ella!...
Porque estão junctos?
THEOD. E ERN. (Separando-se um do outro) Não!
JUL. Mas não se chegam?
Theodora!...
THEOD. (Estendendo-lhe os braços, mas sem aproximar-se.)
Meu Julião!...
JUL. Sobre o meu peito!
THEOD. (Precipita-se nos braços de D. Julião, que a estreita fortemente. Pausa. A Severo:)
Bem o vês! bem o vês! Sei que me engana,
e em meus braços a estreito, a enlaço, a oprimo!...
Posso matal-a!... e ella merece a morte!...
mas fito-a, fito-a, fito-a!...e já não posso!...
THEOD. Julião!...
JUL. (Apontando Ernesto)
E elle?
ERN. Senhor!
JUL. E eu que o amava!
Cala-te e vem. (Ernesto aproxima-se)
(Theodora procura erguer-se e Julião subjuga-a.)
Sou seu senhor ainda.
THEOD. Tua!... tua!...
JUL. Não finjas!... Não me mintas!...

Digitized by Google

DOL. (Procurando acalmal-o)
Por Deos santo!...
SEV. Julião!...
JUL. (A ambos) Basta! Silencio!...
(A Theodora)
Pois se eu te adivinhei! Se eu sei que o amas!
(Theodora e Ernesto querem protestar, mas elle não o consente.)
Se já o sabe Madrid! Madrid inteira!...
ERN. Não, meu pae! Não, meu pae!
THEOD. Não!
JUL. E ainda o negam!
Pois se é evidente! se em mim mesmo o sinto!
porque este fogo intenso que me abraza
com a sua chamma o cerebro illumina!
ERN. Todas essas traições são resultantes
do fervor do seu sangue—do delirio!
Escute-me, senhor.
JUL. Tu vaes mentir-me!
ERN. (Apontando Theodora)
E' innocente!
JUL. Não!... Não te acredito!
ERN. (Supplicemente)
D. Julião, de meu pae pela memoria!...
JUL. Não lhe profanes a memoria e o nome!
ERN. De minha mãe p'lo derradeiro beijo!
JUL. Já não tens esse beijo em tua fronte!
ERN. Por tudo quanto queira, ó pae! que eu jure,
jurarei! jurarei!
JUL. Nem juramentos,
nem vans palavras, nem protestos quero.
ERN. Pois bem; que quer então?
THEOD. Que queres?
JUL. Factos.
ERN. Que deseja, Theodora, que nos pede?
THEOD. Não sei; não sei. Mas que fazer, Ernesto?

Digitized by Google

JUL. (Que os tem seguido com o olhar febril e instinctiva desconfiança)
Ah ! deante de mim buscaes enganos !
Combinaes-vos, infames! Eu o estou vendo!
ERN. Pela febre é que vê,—não pelos olhos.
JUL. A febre—sim ! Mas como a febre é fogo,
a venda consumiu, que em minha vista
me puzestes vós dois ! e emfim, já vejo !
E agora vos fitaes ! Porque ? traidores !
porque brilham teus olhos? Falla, Ernesto !
Não é o brilho do pranto! Vem... mais perto...
mais... (Obriga-o a aproximar-se ; fal-o curvar a cabeça, e por fim cahir de joelhos deante de si. Deste modo fica D. Julião entre Theodora, que está a seu lado,e Ernesto que está a seus pés. Nesta attitude passa-lhe a mão pelos olhos.)
Não vês ?... Não é pranto !... se estão seccos!
ERN. Perdão ! Perdão !
JUL. Pois, se perdão me pedes,
é que tens culpa...
ERN. Não !
JUL. Sim !
ERN. Não é isso.
JUL. Pois—cruzae ante mim vossos olhares !
SEV. Julião !
DOL. Senhor !
JUL. (A Theodora e Ernesto)
Acaso tendes medo?
Pois como irmãos não vos amais? Provai-o.
Theodora, Ernesto, á flôr de vossos olhos
venham as almas, e suas castas luzes,
deante de mim misturem seus reflexos,
que então verei, porque verei de perto,
se esses raios de luz, são *luz* ou *fogo* !
Tu, Theodora, tambem... Tem de ser; vamos...
Ambos !... vinde !... ainda mais !
(Faz cahir Theodora deante de si, aproxima-os a si e os obriga a fitarem-se)
THEOD. (Separando-se por um violento esforço.)
Ah ! não !

Digitized by Google

ERN. (Procura levantar-se, mas Julião não o deixa.)
Não posso!
JUL. Oh! amaes-vos!... amaes-vos!... Vi bem claro!
(A Ernesto)
Tua vida!
ERN. Sim!
JUL. Teu sangue!
ERN. (Tentando erguer-se) Todo!
JUL. (Obrigando-o a conservar-se ajoelhado)
Quieto!
THEOD. (Contendo-o)
Julião!
JUL. Tu o defendes?... tu o defendes?!
THEOD. Não é por elle!
SEV. meu irmão!...
JUL. (A Severo)
Silencio!
(sugeitando Ernesto a seus pés)
Máu amigo!
ERN. Meu pae! Meu pae!...
JUL. Máu filho!
Desleal! traidor!
ERN. Não sou!
JUL. Eu vou gravar-te
da villania o sello sobre a fronte!
hoje com minha mão; depois com a espada!
(Ergue-se com um resto de suprema energia e esbofeteia-o)
ERN. (Dá um grito terrivel, levanta-se e separa-se para a E, cobrindo o rosto.)
Ah!
SEV. (Estendendo o braço para Ernesto:)
Justiça!
THEOD. (Occulta o rosto entre as mãos e vae cahir em uma cadeira da direita)
Jesus!
DOL. (A Ernesto, como desculpando Julião)
Foi o delirio!
(Estes quatro gritos rapidissimos; momentos de estupor. Julião sempre de pé, fitando Ernesto; Dolores e Severo contendo-o)

Digitized by Google

JUL. Delirio, não ! castigo e—merecido !...
Que pensavas, ingrato ?

DOL. Vamos... vamos...

SEV. Vem, vem, Julião...

JUL. Já vou.

(Caminhando com difficuldade até ao seu quarto, amparado por Severo e Dolores, porém detendo-se algumas vezes para fitar Ernesto e Theodora.)

DOL. Vamos, Severo !

JUL. Olha—olha !... os infames ! Foi bem justo !
Não é verdade? não ? Eu assim creio.

SEV. Por Deos ! Julião !...—Por mim !...

JUL. Ah ! tu somente
me tens no mundo amado.
(Abraçando-o)

SEV. Eu, sim ! De certo.

JUL. (Continua a caminhar : juncto á porta detem-se e contempla-os outra vez)
E ella chora por elle ! não me segue...
não me contempla já! não vê que eu morro!...
Eu morro... sim !...

SEV. Julião !...

JUL. (Detendo-se na mesma porta) Espera... espera...
Deshonra por deshonra !...Adeus, Ernesto !
(Saem Julião, Severo e Dolores pela D. A.)

SCENA X.

THEODORA e ERNESTO.

(Ernesto cae no *fauteuil* proximo á meza. Theodora continua á direita. Pausa.)

ERN. (A'parte)
Para que serve a lealdade !

THEOD. (O mesmo)
Para que serve a innocencia !

ERN. (O mesmo)
Enubla-se-me a consciencia !

THEOD. (O mesmo)
Piedade, meu Deus, piedade !

Digitized by Google

ERN. (O mesmo)
Sorte cruel!
THEOD. (O mesmo) Triste sorte!
ERN. (O mesmo)
Pobre moça!
THEOD. (O mesmo) Pobre Ernesto!
SEV. (De dentro. As exclamações que se seguem são gritos de suprema angustia.)
Meu irmão!
DOL. Soccorro!
PEP. Presto!
(Ernesto e Theodora levantam-se e aproximam-se um do outro)
THEOD. São gritos de dôr!...
ERN. De morte!...
THEOD. Vamos ver que aconteceu.
ERN. (Detendo-a)
Não! não!
THEOD. Mas que nos detem? (Com ancia)
Quero que viva!
ERN. (O mesmo) Eu tambem;
(Apontando para o quarto)
porem não posso.
THEOD. (Precipitando-se para lá) Posso eu!

SCENA ULTIMA.

THEODORA, ERNESTO, SEVERO, PEPITO.

ERN. (Em pé, ao centro; Theodora na porta do quarto de D. Julião; tomando-lhe o passo, Severo, que sae um momento depois de Pepito.)
PEP. Onde vae?
THEOD. (Com desesperada anciedade)
Eu quero-o ver!
PEP. Não póde!
SEV. Não passa aqui.
Essa mulher inda ahi? (A Pepito)
Põe lá fóra essa mulher!
Sem compaixão! neste instante!

Digitized by Google

ERN. Que diz?

THEOD. Eu perco a cabeça!

SEV. Inda que tua mãe te peça
e d'ella se ponha deante,
has de cumprir meu mandato.
Inda que supplique e implore!
Se chorar... deixa-a, que chore!
(Com ira reconcentrada)
Fóra! fóra! ou eu a mato!

THEOD. Julião manda?!...

SEV. Sim, senhora.

ERN. Seu esposo?!... Não posso crel-o!

THEOD. Quero vel-o!

SEV. Pois vaes vel-o!
Depois... depois... vae-te embora!

PEP. (Como querendo oppor-se)
Pae!...

SEV. (A Pepito, afastando-o)
Deixa-a...

THEOD. Não é certo, não!...

PEP. E' horrivel!

THEOD. E' mentira!

SEV. Vem, Theodora... vem, e admira!...
(Toma-a por um braço e leva-a á porta do quarto de D. Julião, levanta a cortina e aponta o interior)

THEOD. Morto!... morto!... o meu Julião!...
(Diz isto retrocedendo de um modo tragico e cae desmaiada ao centro.)

ERN. (Occultando o rosto.)
Meu pae!
(Pausa. Severo os contempla com olhar rancoroso)

SEV. (A Pepito; apontando Theodora:)
Expulsa-a!

ERN. (Pondo-se deante do corpo de Theodora.)
Atrevido!...

PEP. (Hesitando)
Senhor!...

SEV. (Ao filho)
E' minha vontade.

ERN. Pieda te!

SEV. Sim: a piedade

Digitized by Google

que ella teve com o marido!
com aquelle pobre morto...

N. Ah!... que o meu sangue se inflamma!
Deixo a Hespanha...

V. Não me importo.

N. Morro!

V. A vida é curta. (A Pepito)
Chama.

N. Que ella é innocente, eu lh'o digo!
eu lh'o juro!

P. (Como intercedendo)
Meu pae...

V. (A Pepito, apontando com despreso Ernesto.) **Mente.**

N. Tu me arrojas á corrente?
pois já não lucto! Eu a sigo!
(Apontado Theodora)
Que pense neste momento
de ti, e do que propallam,
não sei: seus labios não fallam
e dorme o seu pensamento;
mas o que eu no coração
tenho, e penso: vou-o dizer!

V. (Querendo aproximar-se de Theodora.)
Isso não ha de fazer
com que eu mesmo...

P. (Contendo-o)
Meu pae...

N. Não!
(Pausa)
Ninguem se lhe aproxime! E' minha, é minha agora
esta mulher! O mundo o quiz! Luctado temos:
aos meus braços lançou-a. Aceito. Vem, Theodora!
(Levantando-a e sustendo-a em seus braços.)
Tu a expulsas d'aqui!... Pois nós te obedecemos.

EV. Finalmente! Traidor!

EP. Miseravel!

Digitized by Google

ERN. E' pou
Tendes emfim razão... confesso-me culpa
Quereis amor ? Pois bem ! amor profund
louco !
Quereis paixão ?—Pois bem ! paixão de
lucinado !
Quereis, acaso, mais ?— Eu vos sacío a
ria !
Vós inventaes a acção... eu recolho a v
dade !
E contae-o !... e espalhae-o !... A notic
da injuria
encha os echos fataes d'esta heroica cidad
Mas se alguem perguntar, passados algu
dias :
D'esta infamia quem foi o infame medianeir
Ah ! respondei-lhe então :—Tu mesmo
não o sabias !
e comtigo os villões ; comtigo—o mun
inteiro !
Ah ! vem, Theodora, vem! que minha mã
dos céus,
dá-te um beijo de luz na fronte immaculad
Adeus ! E' minha só! Que na hora aprasad
a vós e a mim nos julgue a justiça de Deo

(*Cae o panno*)

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OBRAS DE VALENTIM MAGALHÃES

CANTOS E LUCTAS, poesias, 1879

COLOMBO E NENÊ, poemeto, 1880.

QUADROS E CONTOS, editor Dolivaes Nunes, 1880.

A VIDA DE SEU JUCA, parodia á MORTE DE D. JOÃO poema de Guerra Junqueiro. (De collaboração com Henrique de Magalhães.)

IDÉAS DE MOÇO, prosa e verso. (De collaboração com Silva Jardim.) 1878. Esgotado.

O GENERAL OSORIO, prosa e verso. Idem, 1880. Esgotado.

NOTAS A' MARGEM dos « ULTIMOS HARPEJOS. » editor Serafim José Alves. 1884.

A PUBLICAR:

DOS TRADUCTORES DO "GRAN GALEOTO"

AMOSTRA DE SOGRA, comedia original em 1 acto

O QUE NÃO SE PODE DIZER, traducção do drama em 3 actos de D. José Echegaray.

DE VALENTIM MAGALHÃES

SCENAS E TYPOS, contos.

A POESIA MODERNA E OS MODERNOS POETAS BRAZILEIROS.

UM CASAMENTO NULLO, comedia original em 3 actos.

UM VOLUME DE VERSOS

DE FILINTO D'ALMEIDA

AQUARELLAS, versos, 1884.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google